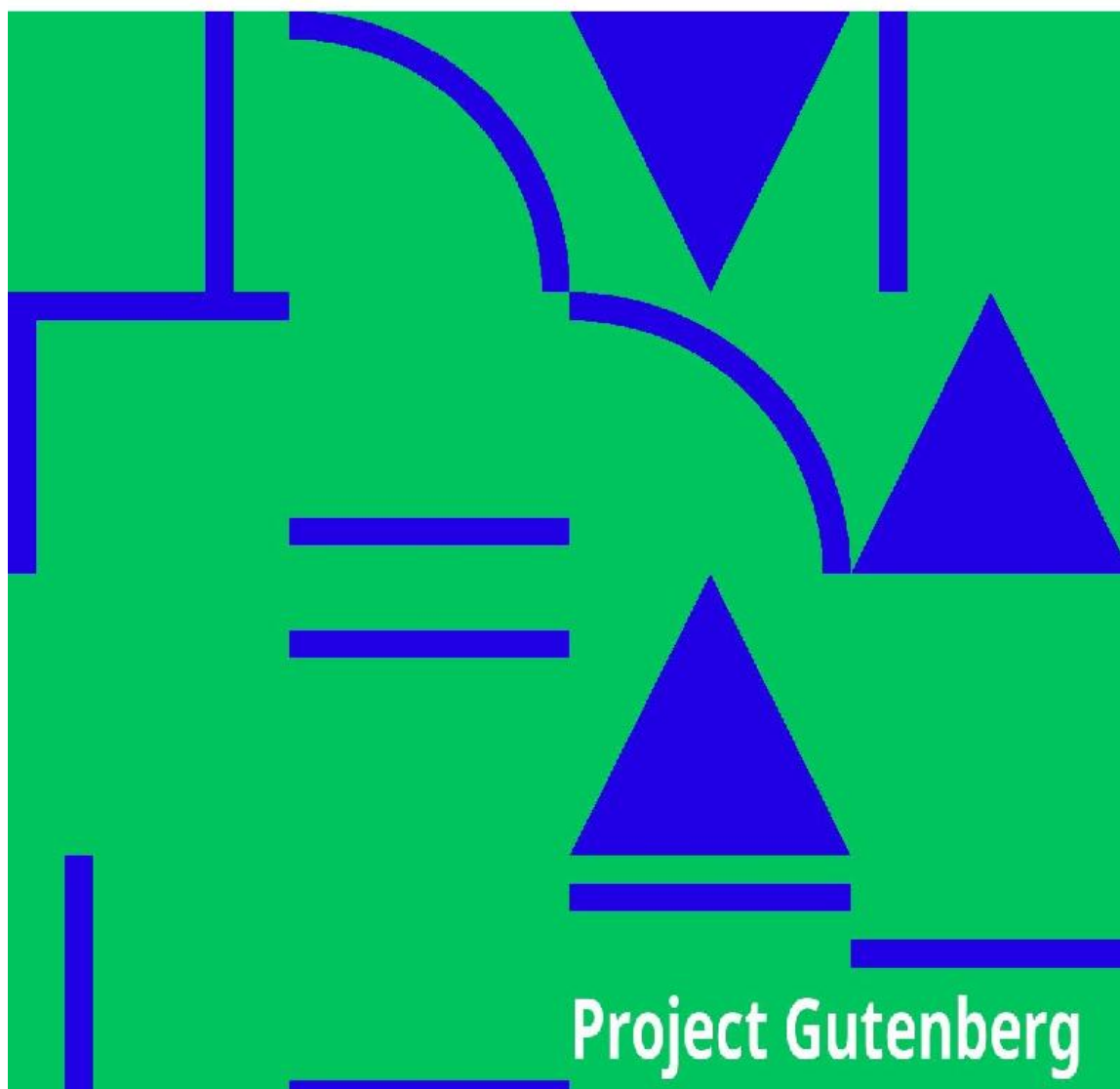


Historia da Grecia

Fernandes Costa

Historia da Grecia

Fernandes Costa





The Project Gutenberg eBook, Historia da Grecia, by José Fernandes Costa This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: Historia da Grecia

Author: José Fernandes Costa

Release Date: April 29, 2010 [eBook #32174]

Language: Portuguese

Character set encoding: ISO-8859-15

START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK HISTORIA DA GRECIA

E-text prepared by Pedro Saborano

Notas de transcrição:

O texto aqui transcrito, é uma cópia integral do livro impresso em 1902.

Mantivemos a grafia usada na edição impressa, tendo sido corrigidos alguns pequenos erros tipográficos evidentes, que não alteram a leitura do texto, e que por isso não considerámos necessário assinalá-los.

No original havia uma errata. Nesta adição corrigimos os erros apresentados nessa errata, e marcámos as alterações colocando o texto originalmente impresso em

comentário como: aqui.

{1}

{1}

PROPAGANDA DE INSTRUÇÃO

PARA

Portuguezes e Brasileiros

BIBLIOTHECA DO POVO

E DAS ESCOLAS

CADA VOLUME 50 RÉIS

Historia da Grecia

POR

J. FERNANDES COSTA

Capitão de Artilharia

Cada volume abrange 64 paginas, de composição cheia, edição

estereotypada,—e fórma um tratado elementar completo n'algum ramo

de sciencias, artes ou industrias, um florilegio litterario, ou um

aggregado de conhecimentos uteis e indispensaveis, expostos por fórma

succinta e concisa, mas clara, despretensiosa, popular, ao alcance de todas as intelligencias.

LISBOA

SECÇÃO EDITORIAL DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Adm. Justino Guedes

Largo do Conde Barão, 50

Agencias: PORTO—Largo dos Loyos, 47,1.º

RIO DE JANEIRO—R. da Quitanda, 38

1902

NUMERO 131

{2}

{3}

INDICE

[Noções geographicas.](#)

[Noções mythologicas.](#)

[CAPITULO I—Tempos legendarios ou primitivos. Tempos heroicos e mythicos dos Hellenos.](#)

[CAPITULO II—Tempos historicos.](#)

[CAPITULO III—Esparta. Legislação de Lycurgo. Guerras de Messenia.](#)

[CAPITULO IV—Athenas. Legislação de Solon. Os Pisistratidas. A](#)

democracia Atheniense.

CAPITULO V—As Guerras Medicas.

CAPITULO VI—Hegemonia de Athenas.

CAPITULO VII—O seculo de Pericles.

CAPITULO VIII—Guerra do Peloponeso.

CAPITULO IX—Tyrannia dos Trinta em Athenas. Restabelecimento da

democracia.

CAPITULO X—Hegemonia de Esparta.

CAPITULO XI—Decadencia de Esparta. Hegemonia de Thebas.

CAPITULO XII—Supremacia da Macedonia.

CAPITULO XIII—Desmembramento do Imperio de Alexandre.

CAPITULO XIV—Reducção da Grecia a provincia romana.

HISTORIA DA GRECIA

NOÇÕES GEOGRAPHICAS

Grecia foi o nome dado pelos Romanos ao paiz chamado *Héllada* pelos seus naturaes. Tal nome coube primeiramente a uma pequena divisão do Epiro; depois applicou-se á Thessalia, aos paizes ao sul das Thermopylas e ao Peloponeso, vindo, com o andar do tempo, a comprehender todo o Epiro, a Illyria na sua maior parte e a Macedonia. Mas o vocabulo não era conhecido pelos habitantes do paiz, do mesmo modo que estes se não designavam pelo nome de *Gregos*, com que ficaram memorados na Historia. Na lingua grega a Grecia era chamada *Héllada*, como dissemos, *Hellenia* ou paiz dos *Hellenos*.

São ignorados os motivos pelos quaes prevaleceram os nomes—*Grecia e Gregos*

—empregados na lingua romana.

A palavra Héllada (em grego *Hellas*) designou primitivamente um pequeno districto da Phthiotida, na Thessalia. D'ahi, os Hellenos espalharam-se gradualmente por todo o resto da Grecia,—mas ainda no tempo de Homero o seu

nome não era commum a toda a nação grega. O grande poeta designa os Gregos

pelos nomes de Danaos, Acheus, ou Argivos; e imhora na *Iliada*, cant. II, v. 530, appareça uma vez a designação de *Pan-Hellenos*, é ella tida como espuria pelos commentadores antigos.

Entretanto, nos tempos mais remotos da Historia Grega, todos os membros da

raça hellenica, vangloriando-se de um antepassado commum, *Hellen*, eram conhecidos pelo mesmo nome, e a todos os districtos em que se estabeleciam davam o nome generico de Héllada, o qual significava, assim,{4} «terra dos Hellenos» e não uma região qualquer definida por limites geographicos precisos.

Ora, n'este sentido generico, as mais distantes colonias hellenicas pertenciam á Héllada; e d'esse modo as cidades de Cyrena na Africa, de Syracuse na Sicilia, e de Tarento na Italia, formavam partes tão essenciaes da Héllada como as cidades de Athenas, de Esparta, e de Corintho.

Este é o sentido mais amplo do termo, o qual se empregou tambem mais

restrictamente para designar todo o paiz ao sul do Golpho Ambracico e da foz do rio Peneu, até ao isthmo de Corintho. N'esta

significação era o paiz designado pelo nome de *Héllada contínua* e, segundo os modernos, pelo de *Héllada propria*.

Poremos, comtudo, de parte este nome classico e erudito; e adoptaremos para

toda a Peninsula o de *Grecia*, consagrado pelos seculos e pelo consenso unanime dos historiadores.

A Grecia é a mais oriental das tres peninsulas em que o continente europeu é

recortado ao sul. A sua extensão superficial está longe de egualar-se á do nosso pequeno paiz, e não é por ella decerto que nos cumpre avaliar a extraordinaria importancia que os filhos d'essa região privilegiada tiveram na historia do mundo.

Presta-se o paiz, pelo muito accidentado das suas montanhas, ao

estabelecimento de pequenos Estados analogos aos cantões da Suissa, assim como pelo arrendado do seu vasto littoral se presta a uma grande expansão de commercio maritimo, facilitado ainda pela proximidade da Asia, da Italia, e do Egypto.

Ao norte, a Peninsula é cortada, do Mar Negro ao Mar Adriatico, pela cadeia

de montes que, a leste, toma o nome de *Hemo* ou *Balkan*, e em cujas vertentes meridionaes assentam a *Illyria*, a *Macedonia*, e a *Thracia*.

Ao sul da Illyria e da Macedonia ficava a *Grecia septentrional*, comprehendendo o *Epiro* e a *Thessalia*, separados de norte a sul pelo monte *Pindo*. Ao sul do Epiro incontravam-se os *Molossos*, cuja capital era *Ambracia* (Arta), banhada pelas aguas do golpho do mesmo nome, e ao norte, na fronteira

da Macedonia, *Dodona*, celebre pelo seu oraculo.—A Thessalia é atravessada pelo rio *Peneu*, o qual fórma o valle de *Tempe*, entre os montes *Olympo* e *Ossa*.

Entre as cidades, cumpre citar:— *Larissa*, banhada pelo Peneu, e antiga capital dos Pelasgos; *Iolcos* e *Lamia*; *Pharsalia*, e, perto d'esta, *Cynocephalia* («Cabeça de Cão»), celebre campo de batalha. A cadeia de montanhas meridional chama-se monte *Œta*, e n'elle{5} existe uma estreita garganta, o celebre desfiladeiro das *Thermopylas* («portas quentes»), unica passagem natural da Thessalia para a Héllada.

Ao sul da Thessalia e do Epiro (isto é, da Grecia septentrional) ficava a

Héllada propria ou *Grecia central*. Compunha-se ella dos seguintes estados: *Attica*, *Beocia*, *Phocida*, *Dórida*, *Lócria*, *Etulia*, *Acarnania*, *Megarida*.

Na *Attica* ha a mencionar o monte *Penthelico*, celebre pelo seu marmore, e o monte *Hymetto*, afamado pelo seu mel, e ambos elles contrafortes do *Œta*. As cidades principaes eram: a capital *Athenas*; o porto do *Pireu* na península de *Munychia*; *Eleusis*, famoso centro do culto de *Demeter* (*Ceres*) e dos mysterios.

Eram tambem na *Attica* as celebres planicies de *Marathona*. Em frente de *Athenas*, no Golpho Saronico, encontrava-se a ilha de *Egina*, famosa pela sua grande navegação, pela riqueza e cultura dos seus habitantes, e ao norte d'ella a ilha de *Salamina*, celebre pelo combate naval que d'ahi tirou o nome.

Na *Beocia* havia quatorze cidades, reunidas em liga, a cuja frente se encontrava *Thebas*,—a das septe portas,—com a fortaleza *Cadméa*. D'entre as outras ficaram memoraveis pelas guerras de que foram theatro: *Platéa*, *Délio*, *Coronéa*, *Leuctra*, *Cheronéa*.

Na *Phocida* estava o centro da Grecia e até mesmo, segundo então se julgava, o centro de toda a Terra, o templo de *Delphos*. Esta

cidade era celebre pelo seu oraculo de Apollo, pela sumptuosidade dos seus edificios, e pela sua fonte de *Castalia*, cansagrada ás Musas.

A *Dórida* era uma pequena região montanhosa, tendo apenas quatro cidades, tão insignificantes que não vale a pena citar-lhes os nomes.

Na *Lócria* é digno de menção o porto de *Naupacta* (hoje *Lepanto*), e na *Etulia* a inexpugnável cidade de *Thermon*.

Finalmente, na *Acarnania*, ao sul do Golpho de Ambracia, notava-se:—o promontorio de *Accio*, celebre pela victoria de Augusto (31 A. C.), e em cuja proximidade depois se fundou *Nicopolis*; a cidade de *Leucate*, e a de *Stratos*; etc.

Na *Megarida*, distinguia-se a cidade de *Megara*, proximo da costa, a porta do isthmo, com dois portos, um no Golpho Saronico, outro no de Corintho.

Resta-nos falar da terceira grande divisão geographica de toda a Peninsula Grega, o *Peloponeso* (hoje *Moréa*). Constitue ella por si só uma peninsula secundaria da principal, á qual se liga por uma estreita lingua de terra, o isthmo de{6} Corintho. Subdividia-se nos seguintes Estados: a *Arcadia*, a *Laconia*, a *Messenia*, a *Achaia*, a *Argolida*, a *Elida*.

Na *Arcadia* havia, além das cidades antigas de *Mantinéa* e de *Tegéa*, *Megalopolis* e outras localidades de somenos importancia.

Na *Laconia*, parte mais meridional de toda a Grecia, notava-se, além da capital *Esparta* (*Lacedemonia*), *Amycléa* antiga cidade dos Tyndaridas, celebre pelo culto ahi prestado a Apollo, *Sellasia*, *Hélos*, e o porto *Githio*.

Na *Messenia*, separada da Laconia pelo monte *Taygeto*, havia a antiga fortaleza de *Ithoma*, a cidade maritima de *Pylos* (*Navarino*), a capital *Messena*, e a cidade dorica de *Steniclaros*.

A *Achaia*, no Golpho de Corintho, continha as cidades de *Patras*, de *Egio*, de *Hélice*, e mais nove, formando todas uma liga, e tinham para centro o templo de Zeus (Jupiter) em *Egio*. A liga *achaica* ou *achéa* comprehendia, além d'estas doze cidades, a de *Sicyonia*, altamente commercial, e a de Corintho, opulenta tanto pelo seu commercio como pela sua actividade industrial e artistica, e notavel pela sua forte cidadella (*Acrocorintho*).—Ao sueste, achava-se a *Phlasis*, pequena republica com a cidade de *Phlionte*.

Na *Argolida* sobresahiam a capital *Argos*, com a sua cidadella *Larissa*—do tempo primitivo dos Pelasgos, *Mycena* e *Tiryntho*, onde se vêem ruinas das muralhas cyclicas; e, além d'estas tres cidades de maior ou menor importancia, muitas localidades, algumas celebres na Historia da Mythologia, taes como: *Neméa* (jogos nemeus), *Lerna* (hydra de Lerna), *Epidauro*, *Trezena*, *Hermione*, *Nauplia*, a ilha de *Calauria*, etc.

Na *Elida*, região sagrada, havia, além da capital *Elis*, a floresta de *Altis* na planicie de *Olympia*, banhada pelo *Alpheu*, onde de quatro em quatro annos se celebravam os famosos *jogos olympicos*, e o magnifico Templo de Zeus, com a estatua do Rei dos Deuses feita de marfim e oiro, pela arte sublime e prodigiosa de Phidias.—A região ao sul de Olympia chamava-se *Triphylia*; e n'ella ficava a *Pylos*, de Nestor.

—

Eram estes os Estados do continente ou terra-firme. Ha, porêm, ainda a considerar um grande numero de ilhas. Citaremos, as mais importantes:

No mar de oeste ou Mar Jonio: *Corcyra* (hoje *Corfú*), talvez a celebre ilha dos *Pheacios*, residencia do rei *Alcinoo*, e{7} que Homero cantou; *Leucate*, com um

sanctuario de Apollo; *Ithaca* (hoje *Thiaki*), morada de Ulysses; *Cephalenia* e *Zacyntho*, d'onde veio a colonia hespanhola de Sagunto.

No mar do sul: *Cythera*, antiga colonia phenicia, d'onde talvez lhe proveio o culto da Venus Aphrodite (a *Astarte* phenicia); *Creta* (*Candia*), com o seu monte *Ida*, afamada pela legislação de Minos, e com as cidades de *Cydonia*, de *Gortyna*, de *Cnossa* (labyrintho), entre outras, que Homero faz chegar ao numero de cem; *Chypre*, abundante em azeite e vinho; *Rhodes* (a Ilha das Rosas) com a celebre estatua de Hélios (*colosso de Rhodes*) no porto da sua capital.

No mar de léste ou Mar Egeu, tambem chamado *Archipelago*, as ilhas eram tão numerosas, que este ultimo nome do mar ficou designando todos em que as

ilhas são muitas, ou, mais restrictamente ainda, todos os agrupamentos de ilhas.

As principaes eram: *Eubéa* (*Negroponto*), com as cidades de *Eretria*, de *Chalcis* (ligada á Beocia por uma ponte), de *Carysta*, afamada pelos seus marmores, e de *Oréa*; *Scyros*, pertencente aos Athenienses; *Lemnos*, celebre pelo culto de Héphaistos (Vulcano); *Thasos*; *Imbros* e *Samothracia*, ambas conhecidas pelo antigo culto mysterioso dos *Cabiras*; as *Cyclades*, grupo assim chamado por formar um circulo de ilhas em torno da ilha de *Délos*, consagrada ao Sol. Em Délos havia o grande sanctuario de Apollo. E entre as outras Cyclades, cumpre

mentonar: *Paros* (marmores), *Andros*, *Céos*, *Melos*, e *Naxos*. A léste das Cyclades, ficavam as *Sporades*, mais ligadas já ao continente asiatico, sendo entre ellas notaveis: *Tenédos*; *Lesbos*, com a cidade de *Mitylene*; *Chios*; *Samos*, patria de *Pythagoras*; *Cos*, pátria de *Apelles* e de *Hippocrates*; *Patmos*, depois celebre por ahi ter residido o evangelista S. João.

NOÇÕES MYTHOLOGICAS

1.º Theogonia grega. —A Terra (*Gé*) gerou por si mesma o Céu (*Urano*) e o Mar (*Ponto*). Da alliança entre o Céu e a Terra nasceram os *Cyclopes* e os *Titans*.

Os cyclopes forjavam os raios. Dos Titans, uns vagueavam pela Terra como o

Oceano, deus marinho, cujos filhos e filhas eram os rios e as fontes, outros esplendiam nas regiões ethéreas ou cruzavam o espaço, como *Hypérion* (luz primitiva), *Théia* (claridade diurna), *Hélios* (sol), *Seléné* (lua), *Eos* (aurora), o{8}

céu nocturno com as suas estrelas (*Léto* e *Astéria*), os quatro ventos (*Zéphyro*, *Bóreas*, *Noto*, *Euro*); outros representavam os destinos e as tendencias do espirito humano, como *Japeto* e seus filhos, *Atlas*, *Menecio*, *Prometheu* e *Epimetheu* (*Prometheu* que roubou aos deuses o lume e por isso Zeus o amarrou n'um rochedo onde um abutre lhe devorava as intranhas; *Epimetheu*, marido de *Pandora*, de cuja boceta sahiram todas as miserias da Terra ficando-lhe só a esperança no fundo); outros eram as forças amigas ou inimigas da humanidade,

Themis (guarda da ordem legal e moral), *Mnemosyne* (memoria), mãe das 9

Musas, *Hécate*, deusa da noite. O mais novo dos Titans foi *Chronos*, que destronou seu pae, Urano.

Das gottas de sangue cahidas no chão nasceram as *Erinnyas* ou *Euménides* (*Furias* na Mythologia Romana), e os *Gigantes*. Da espuma do mar nasceu *Aphrodite* ou *Anadyómena* (Venus na Myth. Rom.), a deusa do amor. Da ligação de *Gé* com o mar proveio *Nereu* e d'este as nymphas maritimas ou *Nereides* (aspectos risonhos do mar) e *Thaumas*, *Phorcys*, *Céto* (fenomenos terriveis das ondas). De *Thaumas* nasceu *Iris* (o arco iris) e as *Harpyas* (trombas, redomoinhos). De *Phorcys* e de *Céto* vieram as *Graias* (as tres velhas com um olho e um dente só), as *Gorgones* (*Stheno*, *Euryale*, e *Medusa*, tendo serpentes na cabeça em vez de cabellos), as *Hesperides* (que guardavam os pomos de oiro no Jardim do Occidente). Do filho de *Medusa* nesceram os espectros *Cerbero*, *Hydra*, *Chimera*.

A Noite deu o ser a estes de influencia mysteriosa ou nociva: o somno, os sonhos, a morte, o destino (Ker), as tres *Moera* (*Parcas* na Myth. rom.): *Clotho*, *Lachésis*, e *Atropos*.

Depois de Urano reinou *Chronos* (*Saturno* na Myth. Rom.), e o seu reinado foi a idade de oiro, o periodo da felicidade sem nuvens; *Zeus* (*Jupiter* em Roma), seu filho mais novo, foi creado secretamente em Creta, escapando por um artificio materno, no qual tomaram parte os *Curetes* e as *Corybantes*, á sorte de todos os outros seus irmãos, pois Chronos devorava á nascença todos os filhos que lhe dava sua mulher *Rhéa* (*Cybele*). Zeus destronou seu pae e fundou o reinado dos *deuses olympicos*, depois de um combate contra os Titans e Gigantes (forças revoltas da Natureza), do qual sahiu triumphante, despenhando os seus adversarios no Tartaro, com excepção apenas de Thémis, do Oceano, e de Hypérion.

2.º Deuses olympicos. —O senhor e soberano dos deuses, o deus principal dos Hellenos, era Zeus. O seu culto nasceu em{9} Dodona, no Epiro, extendendo-se

depois á Thessalia e d'ahi á Grecia toda. Acima de Zeus só havia o *Destino* e as leis invariaveis da Natureza. A mulher e irman de Zeus, *Hera* (*Juno* na Myth.

Rom.) era a divindade feminina do céu, a atmosphaera. Presidia aos casamentos.

Suas filhas *Hébe* e *Elithya* eram: aquella a deusa virginal que servia o nectar aos deuses antes do rapto de *Ganymedes* pela aguia de Zeus, esta a deusa que as mulheres invocavam no momento dos partos.

Da cabeça de Zeus sahiu armada *Pallas Athené* (*Minerva* entre os Rom.), a deusa protectora de Athenas. Ao principio, deusa do céu azul que esplende magnificamente sobre toda a Grecia, foi depois a creadora de todas as artes.

Descobriu a charrua e ensinou a plantar a oliveira. Era a guarda das cidades e das instituições publicas.

A sua estatua (*Palladio*) tinha culto em quasi todas as cidades gregas, sendo Athenas o seu mais celebre sanctuario. Celebravam-se aqui em sua honra, de quatro em quatro annos, as grandes, e, todos os annos, as pequenas *Panathenéas*.

Chamava-se *égide* o escudo de Minerva e n'elle estava a cabeça de Medusa.

De Zeus e de Hera nasceu *Héphaistos* (*Vulcano* em Roma), que seu pae precipitou do céu. Foi o inventor das forjas, isto é, o grande promotor da

civilização. Ajudavam-n'o os *Ciclopes*, que no Etna e nos outros vulcões forjavam os raios para Zeus.

De Zeus e de *Léto* (*Latona*) nasceram *Artemis* e *Apollo*, gemeos, na ilha sagrada de Délos. Apollo, deus radiante da luz (*Phébo*) é por isso confundido ás vezes com *Hélios*, deus do sol. Este deus era um dos mais importantes; o seu mestér era combater a obscuridade e a impureza, e estabelecer a ordem no mundo physico e no mundo moral. Com respeito á vida humana era o

preservador dos males. Sob o nome de *Paion* foi pae de *Asclepios* (*Esculapio*) que preside á medicina. Como deus das artes e especialmente da musica e da poesia, Apollo dirige o côro das *Musas* (e recebe então o nome de Musageta).

As Musas eram nove: *Calliope* (poesia épica), *Clio* (historia), *Euterpe* (poesia lyrica), *Melpomene* (tragedia), *Therpsicore* (dança choral e canto), *Erato* (poesia erotica e imitação mimica), *Polymnia* (hymno sublime), *Urania* (astronomia), *Thalia* (comedia e poesia idyllica). Habitavam os montes *Hélion* e *Parnaso* nas proximidades de Delphos.

Artemis (*Diana* entre os Romanos), irman de *Apollo*, era a{10} deusa da lua, a divindade das musas e dos oráculos, e presidia á caça. Tinha um celebre templo em Epheso onde era representada como mãe creadora, com um grande numero

de seios. Na Taurida, prestou-se-lhe um culto barbaro, com sacrificios humanos, nos quaes tomou parte a familia dos *Atridas* (*Iphigenia* e *Orestes*).

Poseidon (*Neptuno* entre os Romanos), antigo deus pelasgico, que teve o seu culto primitivo na Beocia e no isthmo de Corintho, culto que passou d'ahi para a Attica e para o Peloponeso, era o deus do mar e governava-o com o seu *tridente*.

Tinha por companheira *Amphitrite*, nympha marinha. Foi tambem o domador dos cavallos, e pae de *Pégaso*, cavallo alado, que nasceu do sangue de Medusa.

Adoravam-n'o em Athenas a par de Athené.

Ares (o *Marte* dos Romanos) era o deus da guerra e dos combates. Tinha em Athenas uma collina que lhe era consagrada (*Areopago*).

Aphrodite (a *Venus* dos Romanos), era a deusa do amor sensual e da formosura. O seu culto celebrava-se principalmente em Chypre, em Cythera, e em Gnido.

De *Ares* e de *Aphrodite* nasceu a *Harmonia*, divindade de Thebas e esposa do phenicio *Cadmo*, fundador da cidade.

Ao mytho de *Aphrodite* está ligado o de *Adonis*, seu favorito, morto na caça por um javali. *Adonis* por concessão especial de Zeus ficou vivendo seis mezes

do anno com *Aphrodite* e os outros seis com *Perséphone*, rainha das sombras.

Este mytho, de origem phenicia, parece representar o principio vivificante da Natureza: a morte de Adonis durante seis mezes e a sua resurreição n'outros seis é o lethargo da Natureza no inverno e a sua revivescencia na primavera.

O filho e companheiro de Aphrodite, segundo lendas mais modernas, era o pequeno deus do amor, *Eros* (*Amor*, *Cupido*) cuja amada foi *Psyche* (a *alma*). No séquito d'este pequeno deus e de sua graciosa mãe andam as *Charites* (*Graças*), e as *Horas*, deusas das Estações.

Havia, ainda, entre os *deuses supremos*, cujo numero subia a doze, *Deméter* (*Ceres*), *Hermes* (*Mercurio*), e *Hestia* (*Vesta*).

3.º Divindades terrestres. — *Deméter* (*Ceres*), a *Terra-Mãe*, filha de Chronos, era a Natureza fecunda e creadora. Inventou a Agricultura. A Sicilia e Eleusis eram os principaes pontos do seu culto. Sua filha *Perséphone* (*Proserpina* entre os Romanos), raptada por *Hades* (*Plutão*), e vivendo metade do anno sobre a Terra e outra metade no mundo subterraneo,{11} era a imagem da semente interrada durante os mezes do inverno. Em honra de Deméter celebravam-se as

Thesmophorias, as grandes e as pequenas *Eleusinas*, e as *Anthesterias*.

Hades (*Plutão*) governava o mundo dos mortos, separado do mundo dos vivos por alguns rios, taes como o *Styge*, o *Acheronte*, o *Cocyto*, o *Lethes* (rio do esquecimento), etc. Sob o nome especial de *Plutão* era particularmente a divindade dispensadora das riquezas. O mundo subterraneo comprehendia o *Elyseu* (morada dos justos) e o *Tartaro* (morada dos condemnados). Era guardado por *Cerberos*, cão de tres cabeças. Os manes dos que na morte tiveram sepultura atravessavam o rio infernal n'uma barca dirigida por *Charonte*.

Hermes (*Mercurio* entre os Romanos), divindade pelasgica, ligada á agricultura e á vida pastoril, era tambem arauto e mensageiro dos

deuses. Tinha azas nos calcanhares, e usava o *caduceu*, symbolo da inviolabilidade. Era o deus da eloquencia, da circumspecção, da prudencia, e até da finura e da astucia, chegando mesmo á fraude e ao perjurio (isto é, tinha na sua qualidade de arauto olympico todas as prendas da diplomacia e da politica). Attribute-se-lhe a

invenção do alphabeto, dos numeros, da astronomia, da musica, da gymnastica, dos pezos, das medidas, a cultura da oliveira, etc. Estava tambem o commercio

sob a sua protecção.

Dionysos (*Baccho* entre os Romanos e tambem entre os Gregos), antiga divindade pelasgica, filho de Zeus e da thebana *Seméle*, era representante da Natureza no que ella tem de mais opulento, mais luxuriante e activo, e, em especial, deus do vinho. Havia muitas festas em sua honra, particularmente as *Bacchanaes*, as *Dionysias*, as *Anthesterias*, etc.

Os *Cabiras*, deuses pelasgicos ou phenicios, eram tambem divindades terrestres e symbolizavam as forças productoras da Natureza.

4.º O mundo heroico. —O *Alcides Heracles* (*Hercules*) é a personificação da força e do trabalho humano em lucta com os obstaculos levantados pela Natureza e pelo Destino.

No Peloponeso originou-se o mytho de *Tantalo* com a sua familia amaldiçoada. Entre os *Tantalidas* ha a mencionar *Pelops*, *Atreu*, *Thyestes*, *Agamemnon*, *Menelau*, e *Orestes*.

Em Lacedemonia foram venerados como heroes os *Tyndaridas*, irmãos de Helena, os gemeos Castor e Pollux, e em conexão com elles os *Dióscoros*, estrellas brilhantes propicias aos navegadores.

O phenicio *Cadmo* foi o heroe fundador de Thebas. Era irmão{12} de *Europa*.

D'este tronco descendeu *Laio*, pae de *Ædipo*, o heroe tragico que assassinou seu pae; matou a *Esphinge*, e casou com sua propria mãe, *Jocasta*. Seus filhos, *Eteocles* e *Polynice*, mataram-se um ao outro, em combate singular, deante de Thebas.

A Thebas pertence tambem o cantor *Amphion*, tão celebre tocador de lyra que, ao som d'este instrumento, moviam-se por si mesmas as pedras e formavam a muralha da cidade por elle reconstruida. Era irmão de *Zetho* e marido de *Niobe*.

Na Beocia e na Attica havia o mytho de *Tereu* com os de *Progne* e *Philoméla*, metamorphoseadas, a primeira em andorinha, a segunda em rouxinol.

Na Thessalia, brotou a lenda dos *Centauros*, semi-homens e semi-cavillos, os quaes tiveram grandes combates contra os *Lapithas*. Um dos centauros, *Chiron*, teve por discipulos *Asclepios* e *Achilles*.

Em Athenas, o heroe nacional era *Theseu* filho de *Egeu*. Foi elle quem libertou os Athenienses do oneroso tributo de septe mancebos e septe donzellas que de nove em nove annos tinham de ser enviados para o *Minotauro* de Creta.

Matou o monstro e sahiu do *labyrintho*, graças a um fio que tinha recebido de *Ariadna*, filha do rei. O mytho do Minotauro parece ser, segundo os mais recentes estudos, uma expressão do culto sanguinario de Moloch.

CAPITULO I

TEMPOS LEGENDARIOS OU PRIMITIVOS TEMPOS

HEROICOS E MYTHICOS DOS HELLENOS

1.º Tempos pelasgicos. —Consideram-se os Pelasgos como os mais remotos habitantes da Grecia, ou, por outras palavras, como a primeira raça que ahi deixou alguns germens de civilização. Eram povos talvez originarios da Asia, e, segundo as melhores

conjecturas, devem ter-se estabelecido na Grecia em epocha não posterior ao seculo XVIII antes da era christam.

As suas primeiras residencias parece que foram na *Thesalia* e na *Arcadia*, sendo, comtudo, bem visiveis ainda hoje{13} vestigios da sua existencia, nas ilhas do Mar Egeu, na Italia e na Asia Menor.

Esses vestigios são restos architectonicos de um caracter perfeitamente definido; ruinas de aqueductos, de diques, de canaes, de muralhas; monumentos

chamados, *cyclopicos*, porque as gerações posteriores, absortas deante de obras tão colossaes, attribuiram-n'as a uma raça de gigantes, os *Cyclopes*, não querendo a imaginação popular convencer-se de que taes moles de pedra tenham

sido collocadas umas sobre outras pelas simples forças de que a raça humana pode dispor.

Monumentos de tal modo pezados, e que assombram pela sua enormidade, os

homens d'agora, ficaram attestando aos seculos a desgraçada escravidão em que

devem ter vivido os povos á custa de cujo suor, sangue, e lagrimas, se ergueram.

Taes foram, a par dos muros pelasgicos, a grande muralha chinesa, as pyramides do Egypto, os *téocallis* sagrados, do Mexico.

Outros indicios, mais vagos e incertos, parecem affirmar-nos que entre os Pelasgos havia castas, analogas ás orientaes, havia uma poderosa e influente classe sacerdotal, e uma aristocracia hereditaria para defesa do paiz...

Dos Pelasgos suppõe-se que foram consanguineos os *Thracios Pierios* (da *Pieria*, estreita faixa de terra na costa SE da Macedonia,

que se extendia desde a foz do *Peneu*, até ao *Haliacmon*). Teem celebridade estes povos na historia primitiva da musica e da poesia grega; no seu paiz nasceu o culto das Musas, e alli foi sepultado *Orpheu*, o heroe mythico cuja voz e cuja lyra tinham o dom de arrebatâr os homens, de amansar a ferocidade animal, e de predispor á benevolencia, os deuses sombrios do mundo subterraneo. Permittiram-lhe estes que trouxesse dos Infernos sua mulher *Eurydice* e voltasse a viver com ella na Terra.

Ao lado d'Orpheu colloca-se *Lino*, inventor da elegia, e o sacerdote cantor *Eumolpo*, fundador dos *mysterios de Eleusis*, que legou a direcção d'elles aos *Eumolpidas*, seus successores.

Persistia entre os Gregos, n'estes e n'outros mysterios, como culto secreto, a religião dos Pelasgos. Celebravam-se as *pequenas Eleusinas* na primavera; as *grandes*, que duravam nove dias, no outono. N'ellas se dava culto aos mythos de *Deméter* e de *Perséphone*, como forças de concepção, ao de *Dionysos*, como força de producção. A iniciação era feita pelo *hierophante*; além d'este, havia gran-sacerdotes, simples sacerdotes{14} e sacrificadores, os quaes todos, nos dias de festividade, se vestiam de purpura e coroavam de myrto.

Pertencem, tambem, ao cyclo legendario do primitivo povo pelasgico os mythos de *Inacho* em Argos, de *Egialeu* em Sicyonia, de *Pelasgo* na Arcadia, de *Oxiges* na Attica, etc.

Perante a critica historica são insustentaveis as lendas do egypcio *Cécrops*, fundador da cidadella (*Cecropia*) de Athenas; do phenicio *Cadmo*, fundador de Thebas, introductor da arte da escripta e da arte de fundir o bronze; do phrygio *Pelops* que deu o seu nome ao Peloponeso; do estabelecimento de *Danao* e das *Danaides* na Argolida, etc. Perante as investigações da moderna sciencia historica tem certo fundamento a opinião que admite a originalidade e o character aborigene da organização grega, bem como a que ingeita o parecer de ter sido introduzida a civilização na Grecia pelos seus colonizadores do Egypto, da Phenicia e da Asia Menor. Mas, apezar d'estas asserções, é incontestavel que cedo existiu uma

corrente civilizadora entre a Grecia e o Oriente, exercendo este sobre aquella uma influencia indelevel tanto nas instituições da vida civil como nas do systema religioso.

Isto não obstou a que os Gregos, ou, para melhor dizermos, os Hellenos, dessem livre expansão ao seu genio politico, ás suas tendencias artisticas, ás suas concepções religiosas, confirmando, sobre os Pelasgos conquistados, a

superioridade da sua raça e as suas mais vastas aptidões intellectuaes.

2.º Tribus hellenicis. —Nada se sabe emquanto á origem e ao apparecimento historico dos Hellenos. Sabe-se que constituiram tribus militares, e que venceram, afugentaram, ou escravizaram, as tribus industriosas dos Pelasgos.

Estes procuraram asylo nos desfiladeiros do Olympos, em alguns pontos da Thessalia, do Epiro, da Macedonia, da Attica, da Arcadia, e defenderam por largo tempo a sua independencia. No tempo de Homero, havia pouco ainda que

tinham sido de todo subjugados.

Presume-se, no entanto, que os Hellenos não constituíam uma raça particular,

mas sim que formavam tão sómente a cavallaria ou parte guerreira dos Pelasgos, a qual submetteu por violencia ao seu jugo tanto a classe theocratica como o povo pacifico.

Como quer que fôsse, essas tribus guerreiras subdividiram-se em quatro grupos, ou tribus principaes, que mantiveram em todo o decurso do seu viver historico profundas differenças de usos, de lingua, e de regimen politico.{15}

Essas quatro tribus foram as seguintes: os *Dorios* e os *Acheus* no Peloponeso, os *Jonios* na Attica e nas ilhas, e os *Eolios* na Beocia e

outros pontos.

O nome de *Acheus* foi, durante os tempos heroicos, o de todas as tribus do povo grego, e por elle são os Gregos designados em Homero. Foi no seculo IX A.

C. que esta denominação se restringiu aos habitantes das margens dos rios do norte do Peloponeso, recebendo os outros Hellenos as especificações que dissémos. Crê-se que foram os sacerdotes de Delphos quem, posteriormente, imaginou para as quatro tribus uma genealogia commum.

Essa lenda genealogica foi a seguinte: em tempos remotissimos houve um diluvio em que morreram todos os homens com excepção de *Deucalião* e de sua mulher *Pyrrha*. Andaram estes vogando nove dias n'uma arca; e, ao fim d'elles, deram fundo no cume do Pindo, ou, como depois se disse, no do Parnaso.

Supplicaram então aos deuses que repovoassem a Terra, e, attendidos na sua prece, receberam ordem para irem arremessando para traz de si os *ossos da mãe*,

isto é, pedras da Terra. Das pedras que Deucalião atirou nasceram homens, e das de Pyrrha nasceram mulheres.

A esta lenda primitiva acrescentou-se em tempos mais recentes a de *Hellen*, filho de Deucalião. O primogenito de Hellen foi *Eolo*, tronco dos *Eolios*; o segundo foi *Doros*, personificação dos *Dorios*; o terceiro foi *Xutho* (o *expulso*), de quem descendiam *Ion* e *Acheu*. A outro filho de Deucalião, *Amphictyão*, attribuiu-se a instituição da *amphictyonia* (isto é, uma liga em que se abrangiam as diversas tribus), e a um filho de Pandora, filha de Deucalião, o nome de *Gregos* que os povos do Occidente deram aos Hellenos.

Os sacerdotes de Delphos, versados nos mythos do Oriente, cuja influencia transluz em toda esta série de lendas, tiveram um fim altamente patriotico quando pretenderam dar ás quatro tribus uma

ascendencia commum. Quizeram despertar o sentimento da comunidade nacional, dando-lhe uma expressão comprehensivel.

3.º Guerra de Thebas. —Colloca-se este acontecimento no seculo XIII A. C.; mas todas as datas attribuidas aos factos dos tempos mythicos são absolutamente incertas. Um dos episodios mais remotos das tradições nacionaes gregas é a guerra de Thebas, ou, como ordinariamente se diz, a guerra dos septe chefes deante de Thebas.

Eteocles e *Polynice*, filhos de *Ædipo*, da tragica familia de{16} *Laio*, disputavam o throno paterno. *Polynice*, expulso por seu irmão, refugiou-se na côrte de *Adrasto*, rei de Argos, o qual lhe deu uma filha em casamento e o acompanhou até deante de Thebas com um exercito commandado por elles ambos e por mais cinco chefes illustres. Todos os chefes morreram, com excepção de *Adrasto*. *Eteocles* o *Polynice* mataram-se um ao outro em combate

singular; e *Créon*, seu tio, sentou-se no throno que os dois irmãos haviam disputado. *Créon* mandou matar sua sobrinha *Antigona* por haver infringido as ordens dadas por elle para que não fôsse concedida sepultura aos dois irmãos; mas *Theseu*, guarda e vingador das leis moraes, declarou-lhe guerra e matou-o.

Tempos depois os filhos dos septe vingaram sobre os Thebanos a morte de seus paes na guerra dos *Epygonos* (Posthumos). *Laodamas*, filho de *Eteocles*, ou foi morto ou fugiu para a Thessalia; e *Thersandro*, filho de *Polynice*, reinou em

Thebas devastada.

4.º Expedição dos Argonautas. —Este grande facto parece ter sido ainda anterior á guerra de Thebas. N'elle teem querido alguns criticos vêr um resumo poetico das primeiras impresas maritimas dos Gregos para o Mar Negro. A *expedição dos Argonautas* foi dirigida por *Jasão*, de Iolchos, na Thessalia, de parceria com 54 heroes entre os mais illustres d'aquelle tempo: *Heracles*, *Theseu*, *Castor* e *Pollux* (lacedemosios), *Peleu*, pae de *Achilles*

(thessaliano), o cantor thracio *Orpheu*, *Pirithoo*, *Meléagro*, *Esculapio*, e muitos outros. Partiram para o remoto Oriente, no navio *Argos*, com o fim de conquistarem o *vélo de ouro*, especie de palladio da Colchida, que um principe thessaliano, *Phryxo*, tinha collocado n'uma floresta consagrada a Ares (Marte), e que, segundo a fabula, era guardado por um dragão. O mastro da nau *Argos* era feito do tronco de um carvalho cortado na floresta de Dodona, no Epiro, e pronunciava oraculos.

Hercules abandona a expedição, depois de ter libertado, nas costas da Mysia,

Hesione, a quem um monstro marinho ia devorar.

Jasão inspira uma paixão exaltada a *Medéa*, filha do rei da Colchida e conhecedora de todos os segredos da magia; subjuga dois toiros com pés e armas de bronze, e que vomitavam chammas, junte-os a uma charrua de diamante e lavra com elles qualro geiras de terra consagradas a Marte; semeia os dentes de um dragão e d'estes nascem homens armados; vence e mata o monstro que guardava o velocino,{17} e brilhantemente logra conquistar por esta fórmula o suspirado thesouro; depois, volta com Medéa no seu navio, e a feiticeira Circe protege-o.

As *Nereides* levantam nos braços a nau, para ella passar sem perigo entre Scylla e Charybdes. As *Sereias* intentam perder os nautas com os seus cantos melodiosos, mas Orpheu desfaz-lhes o incanto com os accordes da sua lyra.

Visitam, em Africa, o jardim das Hespérides onde Hercules tinha, pouco antes,

colhido os pomos de ouro, e chegam finalmente á Grecia.

Durante a viagem, e aqui, Medéa practica os maiores horrores. Corta em bocados o cadaver de seu irmão e semeia-lhe os ossos ao longo do caminho para

demorar com esse espectaculo horroroso seu pae que a vinha perseguindo.

Rejuvenesce, em Iolchos, o velho Eson; e induz as filhas de Pélias a trucidarem

seu pae, cozendo-lhe os membros n'uma caldeira comervas magicas.

Abandonada por Jasão, degola seus proprios filhos; dá á sua rival, Creusa, filha do rei de Corintho, uma tunica envenenada; e, erguendo-se aos ares n'um carro

puxado por dragões com azas, refugia-se na Attica, onde desposou Egeu.

Como se vê, a poesia grega inriqueceu com todas as galas da ficção mais engenhosa, a lenda heroica d'esta aventura maritima.

5.º Guerra de Troia. —De todos os grandes acontecimentos pertencentes ao periodo heroico da Grecia, este foi o mais notavel e é o mais conhecido.

Incumbiram-se de perpetuál-o, desde os mais remotos tempos, a lenda, a arte, a poesia.

A guerra de Troia é um facto evidentemente historico, imhora as

particularidades de que o revestem sejam meras ficções poeticas. A quédia da grande cidade asiatica serviu muito tempo de era á chronologia grega. Muitos historiadores consideram este episodio bellico como o termo da lucta entre a nacionalidade hellenica e a nacionalidade pelasgica; Herodoto via n'elle simplesmente um grande imprehendimento da Grecia contra a Asia; a poesia explicou-o por um odio hereditario entre as familias reaes de Troia e do Peloponeso, aggravado por uma affronta mortal feita por um principe troiano á

honra do lar domestico de um monarcha grego.

Priamo reinava em *Ilion* ou *Troia*, na costa noroeste da Asia-Menor. Seu filho *Páris* (ou Alexandre) raptou *Helena*, mulher do rei lacedemonio *Menelau*, que lhe havia dado magnifica hospitalidade na sua casa. O marido insultado pediu{18} aos outros reis da Grecia que o auxiliassem a vingar-se, e em breve se organizou uma expedição commandada por *Agamemnon*, rei de *Mycenas* e irmão de Menelau.

A espontaneidade com que tantos principes e tantos povos diversos se unem para a mesma impresa commum é significativa. Não ha, como nunca houve, entre aquellas pequenas agglomerações de homens ciosos e independentes, entre

tantos e tão varios Estados, a necessaria unidade politica; não ha uma federação geral; mas vê-se que existem em germen todos os elementos de uma

nacionalidade. Cincoenta e septe Estados e outros tantos chefes tomaram parte na impresa. Além do *Atrida Agamemnon*, rei de *Mycenas*, de *Corintho* e de

Sicyonia, fizeram parte da expedição: *Menelau*, rei de *Esparta*; *Achilles* e o seu amigo *Patroclo* da Thessalia; *Ulysses*, rei de *Ithaca*; *Diomedes*, rei de *Argos*; *Ajax*, rei da *Lócria* e *Ajax*, rei de *Salamina*; *Nestor*, rei de *Pylos*; *Idomeneu*, rei de *Creta*; *Philocteto*, que possuia as flechas de Hercules; e muitos outros.

Partiram do porto de *Aulida* 1:186 navios, transportando para a Asia mais de 100:000 guerreiros. Uma tradição posterior affirma que, em Aulida,

Agamemnon sacrificou a Artemis sua filha *Iphigenia*.

Prolongou-se por dez annos a resistencia da cidade, a qual finalmente foi tomada por artificio, incendiada, e destruida. *Heitor*, filho de Priamo, morrêra traspassado pela lança de Achilles; *Priamo*

foi degolado; *Hécuba* e suas filhas, levadas para o cativeiro; uma d'ellas, *Polyxena*, immolada sobre o tumulo de Achilles; *Andromaca*, viuva de Heitor, dada a Pyrrho, filho de Achilles, e *Cassandra*, outra filha de Priamo, a Agamemnon. Dos Gregos morreram Patroclo, Achilles, Ajax de Salamina, e outros. Os vencedores expiaram terrivelmente a sua victoria. Ulysses vagueou dez annos sobre as ondas antes de tornar a vêr a sua Ithaca; Menelau, tambem, durante oito annos andou perdido e acossado pelas tempestades; Agamemnon, depois de um regresso attribulado, foi

morto por *Egisto*, a instigações da sua infiel esposa *Clytemnestra*. Ajax, da Lócrida, naufragou de encontro a um rochedo onde pereceu. Teucer, repellido pela maldição paterna, por não ter vingado seu irmão Ajax, foi edificar em Chypre uma nova Salamina. Diomedes fugiu para a Italia afim de se subtrahir, no seu reino, a uma sorte analoga á de Agamemnon. Philocteto, Idomeneu, e Epéos, tambem foram ter ás costas de Italia, onde igualmente encontraram asylo os troianos *Antenor* e *Enéas*, filho de *Anchises*, considerado, depois, pelos Romanos, como tronco da sua raça.{19}

As façanhas e as desgraças d'estes heroes foram cantadas pelos poetas nacionaes; mas d'esses cantos, que formavam dois cyclos épicos, só nos restam a *Iliada* e a *Odysséa*, attribuidas a Homero, poeta que viveu provavelmente no seculo X antes da nossa era.

CAPITULO II

TEMPOS HISTORICOS

1.º As migrações dos Dorios. Jonios e Dorios, raças rivaes. Athenas e Esparta. —Os tempos immediatos á guerra de Troia foram de violentas commoções politicas e de longa anarchia. Desappareceram quasi todas as antigas familias reaes, victimas ou de tragedias domesticas ou de luctas cruentas com outras familias. Houve além d'isto um grande embate de tribus, ao fim do qual as mais fracas succumbiram, estabelecendo-se as mais poderosas em regiões novas.

A mais importante d'estas migrações foi a dos *Dorios* para o Peloponeso.

Viviam os Dorios a sua vida pastoril e agricola junto ao monte Oeta, onde tinham, ao cabo de muitas peregrinações, fundado uma republica livre, cujo centro moral era o culto de Apollo, no sanctuario de Delphos, quando os Thessalianos e os Beocios os expulsaram d'ahi para o sul. Conduzidos pelos *Heraclidas* (suppostos descendentes de Heracles) sustentaram longos combates para fazerem valer as pretenções hereditarias de seus chefes á soberania da Argolida e da Laconia, onde reinavam os descendentes de Pelops, e

conquistaram porfim a peninsula do Peloponeso. A pouco e pouco

assenhorearam-se da *Argolida*, da *Laconia*, da *Messenia*, de *Sicyonia*, de *Corintho* e da *Megarida*; intraram na Attica; e ameaçavam já Athenas, quando esta foi salva pelo heroico sacrificio de *Codro*, seu rei.

Os *Acheus*, até então o mais poderoso dos quatro ramos da raça hellenica, fugindo deante d'esta invasão, expulsaram por sua vez os *Jonios* do littoral septentrional e occuparam o paiz, que recebeu d'elles o nome de *Achaia*. Os Jonios atravessaram o isthmo de Corintho e estabeleceram-se na Attica, onde já tinham sido precedidos pelos *Eolios* de Messenia e outros fugitivos do Peloponeso. Irradiando ainda d'ahi para as costas occidentaes da Asia-Menor e para as ilhas de Lesbos, de{20} Chios, de Samos, etc., fundaram as *colonias jonicas* tão celebres pelo alto grau de cultura, de civilização, e de actividade

commercial e industrial a que chegaram.

Os Dorios e os Jonios são as duas grandes familias que d'aqui em deante (seculo X A. C.) occupam o plano da Historia; são os dois povos rivaes que vão desinrolar parallelamente com o seu antagonismo duas civilizações, nas quaes, sob os mais diversos aspectos, se manifestam todas as fórmulas do genio grego.

«A *raça dorica*, diz um historiador moderno, menos mesclada, tinha um caracter de gravidade, de energia, de rudeza, de orgulho, que se reproduzia no seu dialecto, nos seus costumes, no seu culto e nas suas instituições politicas.

Exclusivamente militar, constituiu quasi por toda a parte poderosas aristocracias que reinavam sobre bandos de escravos ou de servos (*hilotas*).

«A *raça jonica* era movel, aventureira, impressionavel, entusiasta; e amava apaixonadamente os prazeres, a liberdade, a gloria e as artes. Inclinação para o commercio e para a navegação, era, como todas as populações maritimas, intensamente dominada pelo espirito democratico.

«São estas as feições geraes que nos cumpre indicar aqui, e que veremos de cada vez mais energicamente accentuadas na physionomia dos Espartanos

(Dorios) e dos Athenienses (Jonios), pelos quaes estas raças hão-de chegar ao seu mais completo desinvolvimento, e que, pelo importante papel que

desimpenharam, pelo esplendor das suas victorias, e finalmente pela sua rivalidade sangrenta, mereceram representar, durante muito tempo, os destinos da Grecia toda.»

2.º Organização social e politica. —A Grecia nunca poudo attingir a majestosa unidade a que chegou Roma; nunca formou um Estado unico.

Compoz-se de uma infinidade de Estados, communidades urbanas, especies de cantões, entre os quaes, de tempos a tempos, havia um que, pelas eventualidades da boa sorte na guerra, passava a exercer predominio nos outros (*hegemonia*).

Assim succedeu com *Esparta*, *Athenas*, e *Thebas*.

Havia, porém, um certo numero de laços que uniam todos os diversos Estados

entre si, formando por esse modo, até certo ponto, uma nação unica, composta de *Hellenos*, e para os quaes todos os mais povos tinham o nome commum de *Barbaros*. Esses laços eram a lingua, os costumes, e as instituições religiosas.{21}

Na Grecia não havia *castas* propriamente ditas, não havia barreiras insuperaveis entre as classes; as prerogativas da nobreza eram pouco extensas.

Abaixo dos nobres havia os homens livres, que formavam as assembléas publicas e que exerciam uma grande influencia moral nas deliberações dos chefes.

Dependiam, porém, principalmente da religião as instituições communs a todas as tribus hellenicas. Occupava o primeiro logar a *liga dos Amphictyões*, cujo centro era o oraculo de Delphos, e á qual enviavam deputados doze Estados gregos. Antes de qualquer impresa importante era sempre consultado o Apollo delphico, sendo as respostas, obscuras e muitas vezes equivocac ou enigmaticas, formuladas em sentenças por uma sacerdotiza inspirada (*pithoniza*).

Todas as tribus e todos os Estados gregos estavam igualmente unidos pelo laço das *festas nacionaes* com sacrificios, jogos gymnasticos, e concursos de musica. As mais antigas e mais celebres eram as *festas olympicas* que, de quatro em quatro annos, se celebravam n'uma planicie da Elida, nas margens do Alpheu; enquanto duravam, havia treguas geraes em toda a Grecia.

CAPITULO III

ESPARTA. LEGISLAÇÃO DE LYCURGO. GUERRAS DE

MESSENIA

Os Dorios, que se fixaram na Laconia, consentiram que os indigenas d'este paiz (isto é, os *Laconios*) vivessem nas terras que lhes tinham pertencido, mas reduzidos á qualidade de vassallos. Umas tribus submeteram-se; outras, porém, intentaram sacudir o jugo, e, sendo vencidas, foram collocadas na dura condição de escravas (*hilotas*). Ficou, portanto, havendo na Laconia tres especies de homens: os Dorios, ou os dominadores; os Laconios, ou os vassallos; os Hilotas, ou os escravos.

Quando os Dorios conquistaram o Peloponeso, coube a Laconia em parte aos

dois filhos de *Aristodemos*, *Eurysthenes* e *Procles*, os quaes fundaram ahi duas dynastias simultaneas que reinaram em Esparta durante mais de nove seculos.

Os tempos decorridos desde a invasão dorica até Lycurgo (1100?—884? A.

C.) são quasi completamente desconhecidos não só pelo que respeita a Esparta como a todo o resto da{22} Grecia. Nem as tradições nem a poesia, tão fecundas nos tempos heroicos, se quizeram occupar com esta primeira phase dos tempos

historicos. O que se sabe é que os Dorios, relativamente em pequeno numero, e

estabelecidos no seio de um paiz hostil, se concentraram em Lacedemonia ou Esparta, e d'ahi tomaram o nome especial de *Espartanos*. Viviam n'um estado de armamento constante, submettidos a uma rigorosa disciplina militar, habituados, por necessidade da propria conservação, ao jugo de leis durissimas.

Quando *Lycurgo*, patriota espartano da estirpe regia dos Proclidas, pretendeu restituir á sua cidade natal a tranquillidade interna perturbada desde longa data pelas dissensões de algumas familias poderosas e pelas usurpações de uma aristocracia absorvente da propriedade e dos direitos dos cidadãos, assegurando-lhe assim a

antiga preeminencia sobre os outros Estados, não teve de inventar as

leis que lhe são attribuidas; o que fez apenas foi restaurar o antigo regimen dorico.

Das leis de Lycurgo eram umas de caracter politico, as outras de ordem civil.

As primeiras mantiveram as relações estabelecidas entre os Espartanos

dominadores e os Laconios avassallados; conservaram os *dois reis de Esparta*, regulando os direitos da realeza dividida pelas duas casas. Os dois reis deviam pertencer á raça dos Heraclidas, possuindo portanto a sua dignidade por direito hereditario; eram investidos nas mais altas funcções do sacerdocio e da justiça; pertencia-lhes o commando dos exercitos e o cuidado de velarem pela execução

dos decretos formulados pelo senado, e livremente acceites pela assembléa do povo. O senado (*Gerusia*) compunha-se de 28 velhos, cuja idade minima fosse a de 60 annos, pertencentes a familias nobres. A assembléa do povo (*Ecclesia*), na qual tomavam parte todos os cidadãos de mais de 30 annos de idade, tinha o direito de adoptar ou de regeitar sem discussão as propostas feitas pelo senado e pelos reis. Finalmente, o collegio dos *Ephoros* (cinco nomeados por um anno) era composto de magistrados que, sendo nos primeiros tempos da sua criação simples governadores de districtos e juizes nas questões civis, chegaram em tempos posteriores a um alto grau de poder, superintendendo nos serviços de todos os funcionarios, sem exceptuar mesmo os *Gerontes* (senadores), e chegando a tomar contas aos proprios reis.

As leis civis de Lycurgo assentaram sobre o principio da mais estricta egualdade entre todos os cidadãos, a começar pela egualdade dos bens. Dividiu

elle o sólo da Laconia em{23} 39:000 quinhões, sendo 9:000 para as 9:000

familias espartanas, ficando esses quinhões indivisiveis e transmissiveis por direito de primogenitura, e 30:000 para os Laconios, que talvez não passassem de usufructuarios. Os Hilotas não só não tiveram quinhão na partilha, mas ainda foram obrigados a cultivar, como servos e jornaleiros, as terras dos Dorios. As terras assim distribuidas, com a condição de não passarem a mãos estranhas, constituíam uma especie de feudos militares inalienaveis. Com o mesmo pensamento de manter a egualdade, Lycurgo prohibiu o luxo; e, para desacreditar a riqueza e tornál-a de um certo modo impossivel, proscreeu toda a moeda de

oiro e de prata, permittindo apenas a de ferro, com pezo consideravel e diminuto valor, afim de obstar á accumulção d'ella. Instituiu as refeições publicas subordinando-as á mais apertada frugalidade. Prohibiu tambem o commercio, as

artes e as lettras; e ordenou que todos os cidadãos concorressem aos mesmos exercicios physicos, afim de preparar rijos defensores para o paiz. No mesmo intuito incaminhou a educação da mocidade, de modo que as creanças

pertenciam mais á republica do que a seus paes; as que nasciam fracas ou disformes eram impiedosamente mortas, afim de não alterar o vigor e a belleza

da raça.

Assim Lycurgo constituiu sobre bases novas a cidade, a familia, a

propriedade, a educação. Ha muitas duvidas sobre o tempo justo em que esta revolução se effectuou, tornando-se provavel que levasse a consummar-se um longuissimo prazo, sendo muito mais resumida a obra de Lycurgo.

Na opinião de muitos criticos é contestada a existencia do proprio Lyncurgo, sendo este nome apenas admittido como symbolo de uma serie de revoluções politicas e sociaes, comprehendidas n'um periodo de tempo indeterminado.

Guerras de Messenia. —Esparta, vendo-se livre das suas dissensões internas, graças á rigorosa legislação de Lyncurgo, resolveu continuar a conquista do Peloponeso, e estabelecer a sua supremacia sobre os povos que a rodeavam. De

860 a 815 A. C. occupou-se em reduzir as cidades laconias que se haviam emancipado do seu jugo durante o periodo que ella consumira na sua

reorganização civil e politica. Depois voltou as suas armas contra Messenia.

Eram os Messenios de raça dorica, como os Espartanos; e, bem como os d'estes, os seus reis pertenciam ao tronco real dos Heraclidas. Muito tempo viveram em boa paz os dois povos irmãos, prestando culto a Diana no mesmo templo, erguido{24} na fronteira commum, em memoria da sua origem fraterna.

Talvez rivalidades de supremacia e de poderio começaram a dividir os dois Estados, alimentando entre ambos hostilidades surdas durante mais de meio seculo. Porfim, em 766, rebentou uma guerra aberta e geral. Foi a *primeira guerra de Messenia*, a qual durou vinte annos.

Os Messenios depois de uma serie de desastres consultaram o oraculo de Delphos, o qual, pela voz da pythoniza, lhes ordenou a immolação de uma virgem pura, da familia real dos Epytidas, para acalmar a vingança dos deuses infernaes. Aristodemo immolou sua filha para obedecer ao oraculo; mas, vendo

cahir Itoma, cuja defesa sustentára durante dez annos, e perdendo a esperanza de ver salva a patria, matou-se sobre o tumulto da filha,

tão impiedosa e barbaramente immolada. Os Messenios submeteram-se porfim (723) e os

Espartanos impuzeram-lhes condições que os escravizavam.

Volvidos quarenta annos de jugo, rebentou a *segunda guerra de Messenia*.

Aristomenes, o heroe da independencia nacional, não sómente bateu os

Espartanos, mas chegou a penetrar de noite na cidade e a ir collocar um trophéu n'um dos templos d'esta. Os Espartanos, aterrados, vêem-se reduzidos a pedir um general aos seus rivaes, os Athenienses. Estes inviam-lhes, por escarneo, um poeta obscuro, *Tyrteu*, o qual perde successivamente tres batalhas, mas consegue reaccender a coragem abatida dos Lacedemonios com os seus hymnos heroicos,

acabando por conduzil-os á victoria.

Aristomenes, trahido pelo seu alliado Aristocrates, rei dos Arcadios, é vencido na renhida batalha das Trincheiras (680) e retira-se para o monte Ira, onde prolonga por onze annos uma resistencia merecedora de melhor exito. Porfim succumbiu na lucta pertinaz, e retirou-se, preferindo o exilio á escravidão.

Esparta submetteu de todo a Messenia, reduziu os habitantes á condição dos hilotas, mas não conseguiu nunca diminuir o odio implacavel dos oprimidos, os quaes lhe votaram uma inimizade perpetua.

Esparta desde a segunda guerra de Messenia até ás Guerras Medicas. —

Seguiu-se para Esparta um longo periodo pacifico, de mais de quarenta annos.

Ao cabo d'elle, rompeu a lucta com os Arcadios, lucta que durou quasi sessenta annos, terminando, cêrca de 600, pela affirmação da supremacia espartana.

Argos teve de renunciar á hegemonia sobre o Peloponeso que lhe pertencêra de

um modo fugitivo durante algum{25} tempo (768-740), depois de ter perdido, pela bravura do espartano Othryades, a provincia de Cynuria e a cidade de Thyréa (550), e de ter sido desbaratada perto de Tiryntho pelo rei Cleomenes (524). Os episodios de todas estas luctas pertencem mais á poesia heroica do que á Historia.

Os Argivos, depois dos seus desastres, e sentindo a sua humilhação, tomaram

por systema o conservarem-se afastados, d'ahi em diante, de todas as impresas dirigidas pelos Espartanos, bem como estes se satisfizeram com a honra de terem abatido o poderio dos seus rivaes. Nas guerras geraes, em que intervinham todos os Estados do Peloponeso, os Espartanos determinavam as forças que cada Estado tinha de fornecer ao exercito confederado, presidiam ao conselho da Liga, e exerciam o commando superior das tropas. Um pouco antes das Guerras

Medicas, cerca de 690 A. C., eram o povo mais poderoso da Grecia continental.

CAPITULO IV

ATHENAS. LEGISLAÇÃO DE SOLON. OS PISISTRATIDAS. A

DEMOCRACIA ATHENIENSE

É capital a differença entre os Espartanos e os Athenienses, se os

considerarmos na escolha da sua fórmula de governo: ao passo que os primeiros conservam durante seculos a constituição de Lycurgo,

os segundos passam vezes

sem conto de uma para outra constituição, experimentando todas e não os satisfazendo nenhuma.

Com a morte corajosa de Cedro (1068 A. C.) acabou a realeza dos tempos heroicos, e acabou também, ou foi modificada a realeza propriamente dita. Os Athenienses escolheram então na família dos Medontidas (Codridas) um

magistrado vitalício, chamado *archonte*, que exercia funções régias, mas privado das principais prerogativas da realeza.

Esta revolução, que a poesia tradicional cercou de lendas, não pode ser explicada por ellas, em boa critica; e parece mais provável que fosse antes uma victoria das famílias aristocraticas sobre o poder supremo. Essa aristocracia (*Eupatridas*) formada dos chefes das antigas tribus pelasgicas e dos das diversas emigrações eólicas e jônicas ficou d'ahi em seguida{26} senhora absoluta do Estado. Instituído uma sombra de realeza em lugar da realeza antiga, attribuíram, por deferencia, a nova magistratura a Médon, filho de Codro, e conservaram-a em doze dos seus descendentes, sem contudo deixarem de fazer

ao archontado a mesma guerra que haviam feito á realeza. Por fim, cêrca do anno 752, deram profundo golpe no archontado perpetuo, reduzindo-lhe a duração a um decennio.

Succederam-se septe archontes decennaes, até que, em 684, o archontado se tornou annual e composto de nove archontes tornando-o assim accessivel a todas as famílias nobres e aos muitos elegiveis que ambicionavam tão alto logar. Nas

mãos d'elles estavam todos os poderes: o politico, o judiciario, o civil, o religioso, o militar. Athenas era uma oligarchia pura, governada pelas famílias nobres.

As classes baixas foram então muito oprimidas, tornando-se, em breve, ameaçador o seu descontentamento. Muitos nobres, despeitados com os seus rivais e querendo hostilizá-los, procuraram apoio na oposição popular e deram-se ao incargo de regularizá-la para a fazerem servir aos seus fins. Entre essa nobreza contavam-se as grandes famílias athenienses dos Alcmeonidas e dos Pisistratidas. O povo, incitado e aconselhado por elles, reclamou um código de *leis escriptas*, porque até ahi apenas havia costumes e leis oraes que os Eupatridas, únicos juizes, interpretavam ao sabor das suas paixões ou dos seus interesses.

A nobreza, assim atacada nos seus baluartes, condescendeu com as aspirações

do povo e serviu-se d'essas mesmas pretensões para comprimir a emancipação do espirito popular. Incarregou um dos seus, o archonte Dracon (620), de redigir a legislação nova. As leis de Dracon eram severissimas na applicação das penalidades, sendo castigadas com a morte até mesmo pequenas faltas. A sua dureza inflexivel tornou-se proverbial, e ainda hoje se diz *lei draconiana* de alguma lei excessivamente severa. D'ellas disse um orador grego, que tinham sido escriptas com sangue.

O effeito de taes rigores foi contraproducente. O povo atacou os Eupatridas, e estes mesmos se guerrearam uns aos outros infraquecendo assim o seu poder em

luctas fratricidas. Levantou-se então em impetos desesperados a lucta dos devedores contra os seus poderosos credores, lucta analogá á que insanguentou

os primeiros tempos de Roma, antes da sua constituição definitiva.

A aristocracia, quando se viu á beira do abysmo e sem esperança{27} de salvar-

se, procurou um homem de alta consideração publica, que pudesse servir de arbitro e de medianeiro. Incontrou-o em *Solon*, que foi

elevado á dignidade de archonte e depois dictador supremo e legislador (593 A. C.).

Legislação de Solon. —A constituição de Solon é um complexo de elementos aristocraticos e de elementos democraticos, como vamos vêr.

Solon começou por facilitar o pagamento das dividas e restituiu a liberdade a

todos os devedores. Para attingir o primeiro resultado, lançou mão de um recurso que a moderna economia publica decerto não approva, mas que foi vulgar nas sociedades politicas dos antigos tempos:—estabeleceu uma especie de

bancarrota legal; deduziu do capital das dividas os juros já pagos, e para o re-imbolso do resto elevou o valor nominal da moeda.

Recusou, porém, aos pobres a partilha das terras que elles reclamavam, e que,

para muitos, não era mais do que uma restituição dos proprios bens; e procedia assim, porque o seu intento, sendo o de abolir uma aristocracia oppressora, não era comtudo o de estabelecer uma democracia pura.

Atacando a aristocracia de raça, instituiu no logar d'ella a aristocracia da riqueza, dando assim á constituição do Estado uma base nova. Com este fim, dividiu a população em quatro classes:—á 1.^a pertenciam os cidadãos que tinham um rendimento annual de 500 *medimnos*, isto é, que recolhiam nas suas proprias terras 500 medidas de productos solidos ou liquidos (a estes cabiam os grandes cargos, taes como o archontado, o commando em chefe do exercito ou da esquadra); á 2.^a, os que possuiam uma colheita de 300 *medimnos*, sufficiente para fornecer dois cavallos de batalha, um para o amo e outro para o escudeiro; á 3.^a pertenciam aquelles cujo rendimento annual era de 200 *medimnos*, e que apresentavam uma parelha de muares ou de cavallos, ou uma junta de bois, e

podiam servir nas tropas peçadas (*hoplitas*); á 4.^a competiam os que desfructavam um rendimento inferior a 200 medimnos, e serviam como tropa ligeira ou marinheiros, sendo dispensados de todos os impostos (tinham direito de voto nas assembléas do povo e nos tribunaes, mas eram excluidos de todas as magistraturas e dos commandos).

O governo compunha-se de quatro corpos politicos:—os *archontes*, o *senado*, a *assembléa do povo*, e o *areopágo*.

Os archontes, em numero de nove, eram eleitos annualmente e assim

classificados: o 1.^o archonte, que dava seu nome ao{28} anno; o archonte-rei, successor do antigo rei-pontifice hereditario; o archonte-general; e os seis guardas da lei (*Thesmothétas*). Eram todos responsaveis perante a assembléa do povo.

O senado compunha-se de quatrocentos cidadãos das tres primeiras classes, eleitos annualmente pelas tribus e posteriormente tirados á sorte, mas submettidos antes d'isto a provas rigorosas.

A assembléa do povo era formada pelos vinte mil Athenienses que compunham a cidade politica, e estava longe de constituir uma verdadeira democracia. Não passava de um grande corpo privilegiado.

O areopágo, essencialmente aristocratico, compunha-se de archontes que

tinham findado o periodo de exercicio do seu cargo. Era uma especie de senado

judiciario e politico.

Solon, ao mesmo tempo que regulou a ordem politica, legislou tambem para a

vida civil. Attendeu ás condições da familia, ao casamento, dotes, tutela de menores, direito de testar, ordem de successões, etc.

Só não legislou para o caso de parricidio, pois não admittia que tal crime pudesse ser commettido.

Lycurgo tinha proscripto o trabalho; Solon animou-o e constituiu-o n'uma obrigação, punindo a ociosidade. Nas suas leis civis o legislador atheniense não sacrificou o homem ao cidadão, nem a moral á politica, como fez o legislador espartano.

Os Pisistratidas. —Apezar da promulgação das leis de Solon, as dissidencias entre as diversas facções recrudesceram; os nobres pretendiam a preeminencia absoluta; o povo, não satisfeito com o governo mixto de Solon, queria transformál-o n'uma pura democracia.

Á frente do partido popular estava um homem habil, pertencente á aristocracia

da riqueza, *Pisistrato*. A influencia que elle exerceu na cidade chegou a contrabalançar a dos magistrados (565).

Pisistrato não era violento, nem exercia rudemente a sua tyrannia; protegia até as artes e as lettras. Em 560, simulando que o haviam querido assassinar no meio da praça publica, conseguiu que lhe fosse dada uma guarda para sua garantia pessoal. Com essa guarda, porém, desarmou os cidadãos, poz em fuga os seus inimigos, e apoderou-se da cidadella e do governo (560).

No anno seguinte, foi expulso pelos chefes das outras facções,{29} *Lycurgo* e *Megacles*; mas conciliando-se com este ultimo, ajudado por elle, pode voltar a Athenas (556). Casou então com a filha do seu alliado Megacles, chefe dos

Eupatridas, mas foi outra vez exilado por este, em 547. Voltou dez annos depois, á frente de um corpo de mercenarios, que ficaram sendo a sua guarda habitual, e conservou-se no poder até ao fim da

vida. Soube, no entanto, honrar, se não legitimar, a sua usurpação com uma gerencia habil e prospera.

Succederam-lhe (528) seus dois filhos, *Hipparco* e *Hippias*, os quaes governaram juntos e perfeitamente tranquillos até 514. N'este anno, dois moços athenienses, *Harmodio* e *Aristegiton*, movidos por uma violenta animosidade contra os dois irmãos, combinaram matá-los. No dia da festa das grandes Panathenéas, dirigiram-se ao Ceramico, levando os seus punhaes escondidos sob

ramos de murta. Hipparco foi morto; mas Hippias salvou-se e impoz ainda durante quatro annos aos Athenienses, um despotismo cruel. A poderosa familia

dos Alcmeonidas, que estava exilada, logo que achou momento opportuno, resolveu-se a derrubar o ultimo dos Pisistratidas. Procurando o apoio dos Espartanos e auxiliados por um exercito dorico, intraram em Athenas e constrangeram o tyranno a uma capitulação que o exilava. Este retirou-se para a corte da Persia,—e, vinte annos depois, incontramol-o combatendo a sua patria

nas planicies de Marathona.

A democracia atheniense. —A queda de Hippias animou os Eupatridas, dirigidos por *Isagoras*, a intentarem o restabelecimento da oligarchia das familias nobres. Mas á frente dos Alcmeonidas estava *Clisthenes*, archonte eponymo ou primeiro archonte, que reformou as leis de Solon tirando-lhes os elementos aristocraticos, e foi o verdadeiro fundador do regimen popular em Athenas.

Dividiu a população em dez tribus, tendo cada uma dez *démos* ou districtos, e n'esta nova organização geographica e politica estabeleceu direitos eguaes para todos os cidadãos. Cada dois démos formavam uma *naucraria*, á qual incumbia armar e equipar uma triréme e fornecer um *epheta* (juiz) ao tribunal criminal do archonte-rei. Elevou a quinhentos o numero dos senadores, eleitos annualmente

pelas dez tribus, sendo cincoenta por cada tribu. O archontado, continuando a ser apanagio dos maiores contribuintes, tornou-se cada vez mais um cargo

puramente honorifico. A auctoridade do areopágo foi limitada na mesma proporção. As assembléas do povo reuniram-se com mais frequencia, adquirindo

este uma{30} acção directa e preponderante nos negocios publicos. Todo o cidadão, quando chegava aos trinta annos, tinha voto consultivo e deliberativo

na assembléa geral e era apto para juiz ou jurado.

Clisthenes forneceu, igualmente, ao povo uma arma nova e poderosissima, o

ostracismo. Consistia este no direito de exilar por dez annos (honrosamente) todo o cidadão que, pelo seu poder, pela sua grande consideração, ou pela sua excessiva influencia, fizesse perigar a egualdade civil, a constituição democratica, e as liberdades publicas. Quando a conveniencia de exilar um cidadão n'estas condições era apresentada ao povo, este escrevia n'uma concha (em grego *ostrakon*; e d'aqui a palavra *ostracismo*) o nome d'aquelle que tinha de ser banido. Eram necessarios, pelo menos, seis mil suffragios, para a sentença poder ter execução.

O ostracismo não era uma pena applicada a um culpado; era uma demonstração de honra e de consideração, e ao mesmo tempo uma medida de prudencia contra a possibilidade de uma tyrannia.

Isagoras, chefe da facção aristocratica, pediu soccorro aos Espartanos, a exemplo do que haviam feito os Alcmeonidas, a cuja frente estava agora Clisthenes, e elles mandaram-lhe o rei Cleomenes á frente de um exercito.

Clisthenes foi proscripto com mais setecentas familias athenienses, e Isagoras submetteu a cidade a um conselho oligarchico de trezentos Eupatridas. O povo sublevou-se, tomou a cidadella, expulsou os Espartanos e Isagoras, abriu as portas da patria aos banidos, e confirmou as leis de Solon com as reformas de Clisthenes.

D'esta fórma a democracia triumphou, porque o povo attingira um elevado grau de cultura politica e tinha a consciencia e o sentimento da sua força, e da sua liberdade. Com a victoria do novo systema de governo começou o periodo da grandeza e supremacia de Athenas. Decorrendo apenas vinte annos desde a queda de Hippias até ás Guerras Medicas, e sendo elles quasi completamente occupados com dissensões intestinas e com guerras externas contra os Beocios,

os Eginetas, os Chalcidios e os Espartanos, Athenas conseguiu pelo acerto da sua politica e pelas vantagens das suas armas dilatar por toda a Héllada a sua influencia politica e o seu prestigio. Apossando-se da Eubéa, do Chersoneso da Thracia, e da ilha de Lemnos, que Milciades conquistou, tornou-se uma formidavel potencia maritima, potencia que *Themistocles* ainda ingrandeceu mandando construir 200 navios com o producto{31} das minas de prata do Laurion, como em seu competente logar diremos.

A democracia atheniense, com todas as suas consequencias, durou 200 annos, salvo algumas perturbações; e tão longa duração explica-se pela comprehensão que todos os cidadãos tinham da vida politica e pelas disposições naturaes do povo, de modo que a nova fórma de governo não era um accidente, mas sim uma

constituição profundamente radicada. O povo comprehendia que a sua soberania

propria estava na soberania da lei e na inviolabilidade d'esta, e não tolerava o arbitrio individual.

Aristides, uma das mais puras individualidades entre os estadistas de todos os povos, poz o remate ás instituições de Solon, abrindo a carreira do archontado e das outras funcções publicas a todos os cidadãos, sem privilegios de nascimento nem de riqueza.

Os septe sabios da Grecia. —Por esta designação vulgar, ficaram sendo conhecidos uns homens eminentes da Grecia, a quem o povo attribuia sentenças

e maximas concisas de verdadeira sabedoria experimental e practica. Eram os representantes da sciencia e da experiencia moral, politica e social, do seculo VI.

Ha, porém, confusão e divergencia nos nomes d'elles, e nas sentenças que lhes são attribuidas. Segundo a maioria das versões, os septe sabios eram: os quatro philosophos da Grecia asiatica, *Thales*, *Pittaco*, *Bias* e *Cleobulo*, de Lindos, na ilha de Rhodes; e os tres da mãe-patria, *Solon*, de Athenas; *Chilon*, de Esparta; e *Periandro*, de Corintho, sendo ás vezes substituido este ultimo por *Pherecydes*, de Scyros, ou *Myson*, de Laconia.

Escravidão e servidão. —A escravidão na Grecia data dos tempos pelasgicos, como o provam os monumentos cyclopicos, demonstração evidente de que os homens empregados em erguêl-os viviam nas condições de uma escravidão durissima. Ha vestigios d'ella:—nas lendas dos tempos primitivos, como nos mythos, de Apollo, escravo de Admetto, e de Hercules, duas vezes escravizado;

no tributo de mancebos e donzellas, imposto por Minos aos piratas athenienses; na constituição das republicas cretenses; e, finalmente, nos proprios poemas homericos.

No começo dos tempos historicos, os Thessalianos, submettendo os povos das

regiões onde foram estabelecer-se, reduziram-n'os, pelo confisco das suas

propriedades, a um regimen{32} analogo á servidão da gleba. Estes servos tiveram o nome de *penestes*. Durante a guerra do Peloponeso, um cidadão de Pharsalia poz 1:200 penestes á disposição de Athenas.

Os Dorios instituíram no Peloponeso as mesmas fórmulas de servidão, e, quando terminaram a conquista da Laconia, dividiram os indigenas, em duas grandes classes de servos: os *periecos* e os *hilotas*.

Os *periecos* tinham-se submettido voluntariamente, e foram-lhes deixadas as suas cidades e uma parte dos campos. Tiveram 30:000 lotes na partilha attribuida a Lycurgo. Pagavam tributo, não tinham direitos politicos; eram, comtudo, de condição livre, e tomavam parte nos jogos olympicos. Dedicavam-se ao

trabalho, ao commercio, á industria: teciam ricos mantos de purpura, faziam calçado luxuoso, fabricavam armas magnificas, obras cinzeladas, etc. Houve entre elles alguns artistas muito notaveis. Nos exercitos, formavam as guardas ligeiras; nas armadas eram marinheiros peritos,—e alguns periecos houve que as commandaram, nas guerras maritimas com os Athenienses. Finalmente, os

periecos tinham escravos seus para os trabalhos agricolas.

Os *hilotas* eram verdadeiros escravos; não constituíam uma sociedade á parte e vivendo a sua vida propria, como os periecos. Eram inteiramente submettidos aos Espartanos. Cultivavam as terras, guardavam os rebanhos, trabalhavam nos

serviços domesticos, e, na marinha, eram remadores. Desprezavam-n'os,

tratavam-n'os barbaramente, chegando a ponto não só de serem açoitados todos

os annos para se lhes lembrar a sua abjecção, como também de serem caçados e

mortos (*eryptia*), em verdadeiras correrias pelos campos, como bestas-feras. O

numero dos hilotas dos dois sexos, que havia na Laconia, elevava-se a 200:000, os quaes juntos com 120:000 periecos formavam uma população dez vezes maior que a dos Espartanos.

Estes ultimos tinham também escravos estrangeiros dos dois sexos. O direito

de alforria era exclusivo do Estado. Os libertos não eram elevados á categoria de cidadãos; ficavam em diferentes condições particulares, com os nomes de *epeunactas*, *cructeros*, *aphétas*, *neodamodos*, etc.

Em Creta, onde o regimen era o mesmo que em Esparta, encontram-se as mesmas fórmas de servidão: populações submettidas analogas aos periecos; escravos do Estado sob o nome de *mnoítas*; escravos empregados na cultura dos campos e no serviço dos cidadãos (*aphamiotas* e *clarotas*), bem como escravos comprados no estrangeiro.{33}

Incontram-se igualmente, as mesmas fórmas em todas as regiões, onde se

estabeleceram os Dorios, taes como nos *orneatas* e nos *gymnetas* «homens nus»

da Argolida; nos *cynophylos* «raça de cães» de Corintho; nos *conipodos* «de pés impoeirados» de Epidauro; nos *craulidas* de Delphos; nos *callicyrios* de Syracusa, etc.

Em Athenas o tratamento dado aos escravos era mais benigno, sem comtudo

deixarem estes de ser considerados coisas, e, como taes, estavam submettidos ás leis que regem a propriedade.

Havia, tambem nos templos, em diversas cidades da Grecia, bandos de

escravas que, com o nome sagrado de *hierodulas*, eram votadas ao culto de Venus. O templo de Venus, em Corintho, incerrava mais de mil d'essas cortezans, as quaes desfructavam grande consideração publica por concorrerem para a prosperidade da cidade, attrahindo a esta um grande numero de estrangeiros.

CAPITULO V

AS GUERRAS MEDICAS

Sublevação dos Gregos da Asia-Menor. —Quando a Persia, na expansão do

seu ingrandecimento, attingiu os seus limites naturaes na Asia, só lhe restava aberto o lado de noroeste (isto é, a Europa) para a dilatação das suas fronteiras.

Começou por encontrar as ricas cidades gregas disseminadas pelas ilhas e pelo

littoral do Mediterraneo, e submetteu-as. Mileto intregou-se sem resistencia; outras oppuzeram-se tenazmente ao jugo, mas porfim todas foram absorvidas pelo colosso asiatico. Annexadas ao imperio, carregadas de impostos,

conservaram, no emtanto, uma tal ou qual autonomia sob a auctoridade absoluta

de chefes escolhidos pelo vencedor no partido aristocratico de cada uma, responsaveis pela obediencia e fidelidade dos seus concidadãos e dependentes do satrapa da respectiva provincia.

Isto durou pouco mais de meio seculo. Porém, no tempo de Dario,

manifestou-se uma sublevação geral contra o poderoso imperio.

Histieu, principe de Mileto, estava em Suza, capital da Persia,—e deixára Aristágoras, seu genro, com o governo da cidade. Parece que este, humilhado pela altivez do governador{34} da Asia-Menor, e receoso do castigo com que os

Persas procurariam punil-o, por ter aconselhado e dirigido uma impresa contra Naxos, que a facção aristocratica queria intregar aos Persas afim de se apoiar n'elles para consolidar a sua preeminencia, quiz experimentar a sorte das aventuras provocando uma revolta entre os Gregos descontentes. Sublevou a Jonia (501), —e a sublevação propagou-se como um incendio por toda a costa da

Asia, desde a Caria até Chalcedonia sobre o Bosphoro.

Os revoltosos mandaram pedir soccorros a Esparta e a outros Estados

poderosos da mãe-patria; mas só Athenas e a pequena cidade de Erétria na

Eubéa enviaram um pequeno numero de navios. Ao principio as vantagens foram todas do lado da sublevação; os Gregos conquistaram e incendiaram Sardes, capital da Asia-Menor. Mas dentro em breve a sorte das armas mudou: o exercito nacional grego foi derrotado em Epheso pelo governador persa; e porfim a desproporção das forças, a falta de unidade entre os confederados, e a traição, lançaram-n'os outra vez sob o jugo que pretendiam sacudir. Em 494 foi destruida Mileto. Dos Milesianos foram uns passados á espada, outros levados captivos para o Tigre inferior. Aristagoras fugiu para os Thracios da margem do Strymon, onde foi morto. Histieu, que, voltando á Jonia, se tinha ligado com os revoltosos, morreu crucificado; a Caria e a Jonia foram reduzidas e severamente castigadas; e Dario jurou tirar uma vingança cruel das duas cidades, Athenas e Eretria, que tinham auxiliado os revoltosos.

Primeiras expedições dos Persas. —Resolvido a pôr em prática os seus projectos de vingança contra os Gregos, Dario, excitado também pelas instancias do antigo tyranno de Athenas, Hippias, deu a seu genro Mardonio (492) o commando de um exercito, que devia penetrar na Europa pela Thracia, seguindo

a esquadra ao longo das costas. Ao mesmo tempo os arautos do grande rei reclamavam dos diversos Estados gregos *a terra e a agua*, symbolos de submissão.

Mardonio, por uma habil medida politica, assegurou a sua retaguarda e as suas

bases de operações, acabando de pacificar a Jonia por meio de uma concessão singular: depoz em todas as cidades os tyrannos, e restabeleceu o regimen democratico, ou pelo menos o governo das cidades pelos seus proprios cidadãos.

Nada lhe valeu, porque todas as circumstancias conspiraram contra elle. A esquadra submetteu a ilha de Thasos,{35} mas foi despedaçar-se quasi toda por uma tempestade ao dobrar o promontorio do monte Athos. Perderam-se trezentas

galeras e vinte mil homens; e Mardonio, que tinha já subjugado parte da Macedonia, reconhecendo que não podia continuar a conquista, voltou para a Asia (492), com o resto do seu exercito.

Os arautos que, em nome de Dario, se adeantavam reclamando *a terra e a agua*, segundo a formula de homenagem que os Persas exigiam dos povos que subjugavam, não foram melhor succedidos. Egina e muitas outras cidades obedeceram-lhes; mas, quando elles se apresentaram com a mesma exigencia

deante de Esparta e de Athenas, a indignação dos habitantes d'estas cidades foi tão grande que, olvidando o direito das gentes, mandaram-n'os matar. Os Espartanos atiraram-n'os a um poço, dizendo que procurassem no fundo d'elle a

terra e a agua que quizessem.

Dario, cheio de indignação com um tal insulto, enviou logo segunda esquadra,

com muitas tropas de desembarque, sob o commando de Datis e de Artaphernes.

Esta atravessou o Archipelago, onde obrigou Naxos e as outras Cyclades a submeterem-se, e chegou em seguida á Eubéa, onde bloqueou Eretria, capital da ilha, a qual lhe foi entregue pela facção aristocratica. A cidade foi arrasada e os habitantes remettidos como escravos para o interior da Asia (490). Em seguida os Persas, conduzidos por Hippias, desembarcaram nas costas da Attica, e acamparam, a algumas leguas de Athenas, na planicie de Marathona, habilmente

escolhida como favoravel para as grandes evoluções de cavallaria.

Batalha de Marathona. —Mandou Athenas, n'este grande aperto, pedir o auxilio de Esparta; mas os Espartanos, detidos por um uso supersticioso, que lhes não permittia partir para a guerra antes da lua-cheia, pediram dez dias de espera. Os Athenienses, a quem a difficuldade das circumstancias não permittia delongas, marcharam ao incontro do inimigo. As dez tribus forneceram cada uma mil homens e um *stratégo* ou general, sendo o commando em chefe conferido a Milciades. O exercito dos Persas era dez vezes mais consideravel, o que não obstou a que a sua derrota fôsse completa. A *batalha de Marathona* (490) inaugurou com gloria o imperio e o prestigio da democracia atheniense.

Morte de Milciades. —Em seguida, Milciades convenceu os Athenienses a armarem uma esquadra para conquistarem as{36} ilhas do Mar Egeu que tinham

prestado homenagem aos Persas. Foi sitiado Paros; mas teve de levantar o bloqueio com perdas, regressando com a esquadra a Athenas. Ahi foi accusado

por Xantippo, um dos primeiros personagens da cidade, pae de Pericles, de ter inganado o povo, lesado o thesouro publico, e causado a morte de um grande numero de cidadãos. Milciades não poudo comparecer no tribunal, por estar gravemente doente de uns ferimentos recebidos em Paros, e foi condemnado ao

pagamento de uma multa equivalente ao dispendio que tinha feito a expedição.

Morreu da sua ferida pouco depois,—e seu filho pagou a multa, para não ficar

incurso na incapacidade legal para o exercicio de qualquer cargo publico.

Aristides e Themistocles. —Athenas subiu ao primeiro logar entre as nações gregas, e no seu seio travou-se em breve o conflicto de duas ambições rivaes.

Dois homens, Aristides e Themistocles, disputavam um ao outro a influencia e o credito:—Aristides, dotado de tal rectidão que recebeu o nome da *Justo*; Themistocles, homem de genio militar o politico, tendo as mais altas qualidades, infelizmente maculadas por grandes defeitos. Themistocles era o chefe do partido popular. Quando se tratou de dar successor a Milciades no commando da

esquadra, elle obteve a preferencia sobre o seu rival. Submetteu algumas das ilhas do Mar Egeu; mas, quando voltou a Athenas, encontrou Aristides á frente

de um grande partido (o aristocratico) que o apoiava. Romperam grandes desintelligencias entre as duas parcialidades, e porfim Themistocles conseguiu obter a expulsão de Aristides, por meio do ostracismo. O povo não teve em vista, com esta medida, castigar um homem cujas virtudes apreciava; o que pretendeu

foi enfraquecer o partido da nobreza, tirando-lhe o chefe.

Themistocles, ficando chefe da república, e compreendendo, ao contrário de

todo o povo, que a derrota dos Persas em Marathona não era o termo da luta,

mas sim o começo de guerras novas, viu com admirável penetração que o futuro

da Grécia dependia do seu engrandecimento marítimo, e não deixou um

momento de pugnar pela criação da marinha atheniense, afim de oppô-la um dia

a novas invasões dos Asiáticos, e ao mesmo tempo para garantir a Athenas o senhorio do mar e a preponderância sobre os outros Estados gregos.

Para conseguir a realização dos seus projectos, obteve de Delphos uma sentença que o favorecia. O oráculo declarou que a salvação dos Athenienses dependia de se abrigarem cobertos{37} por «muros de madeira». Por estes muros

o povo entendeu «navios». O producto das minas de prata do Laurion era até então consumido em festejos publicos ou distribuido pelos cidadãos.

Themistocles obteve que fosse empregado na construção de cem triremes de guerra, e para melhor fazer acceitar a sua proposta valeu-se do profundo rancor que os seus concidadãos tinham á ilha de Egina, por se haver rendido espontaneamente aos Persas, e levou-os a approvarem o augmento das forças navaes com a mira no castigo dos Eginetas.

Expedição de Xerxes. —Dario, o orgulhoso monarcha persa, humilhado com o desastre de Marathona, estava preparando os elementos para uma desforra memoravel quando a morte o

surpreendeu. Seu filho e successor, Xerxes, herdeiro do seu odio e dos seus sentimentos de vingança, adoptou os projectos paternos e proseguiu nos armamentos que, em larga escala, se estavam accumulando havia tres annos. Segundo a narrativa de Herodoto, fundada na tradição popular e poetica, o exercito asiatico attingiu o numero de 1.700:000

homens, sendo a esquadra de mais de 1:200 navios de alto bordo.

Em 481, depois de ter atravessado o territorio de Ilion, chegou aquella immensa mole de gente ás praias do Hellesponto. Septe dias, sem interrupção, levou o exercito a passar sobre duas pontes de barcos. Era um mixto de povos e nações diversas: Persas, Médos, Assyrios, Arabes, Sacios, Indios, Mongoes, Ethiopes, etc. Depois da passagem do Hellesponto, dirigiu-se do Chersoneso para a Macedonia e para a Thessalia atravez da Thracia. Os povos das differentes regiões atravessadas, taes como os montanhezes da Dorida, do Pindo, do Ossa,

do Pélion, do Olympo, os Thessalianos, uma parte do Beocios, correram a offerecer ao grande rei as suas homenagens. A esquadra, n'este meio tempo, ia avassallando os mares e apossando-se das ilhas.

Themistocles conseguiu, com os seus esforços patrioticos, fundar uma liga composta dos restantes Estados gregos, que o terror do inimigo não abalára de todo. Formou-se uma dieta, sob a hegemonia de Esparta, no isthmo de Corintho.

Por um momento foram esquecidas todas as dissensões internas.

As Thermopylas. —Em Julho de 480, exactamente quando se celebravam os

jogos olympicos, appareceram as avançadas do exercito de Xerxes em frente do

desfiladeiro das Thermopylas. Ahi as esperava *Leonidas*, um dos dois reis de Esparta, o qual, segundo o plano de defesa combinado, tinha por{38} missão deter os Persas n'essa estreita garganta, que conduzia da Thessalia para a Locrida, cobrindo ao mesmo tempo a Grecia central. Ao mesmo tempo o exercito naval dos Gregos esperava as esquadras de Xerxes no estreito de Artemision. Para defender o Peloponeso, ultimo refugio da independencia hellenica, estava um exercito de reserva acampado no isthmo.

O rei lacedemonio commandava septe mil homens, entre os quaes se

distinguiam trezentos Espartanos. Foi com estes que Leonidas se postou no

desfiladeiro, prompto a fazer frente a toda a inundação asiatica. Intimado a intregar as armas, Leonidas respondeu:—«Vem buscá-las!» Quando o inimigo appareceu á vista, disse um grego:—«Os Persas estão ao pé de nós», a que Leonidas replicou:—«Porque não dirás antes que nós estamos ao pé dos Persas?» Os soldados valiam tanto como o chefe. Disse um d'elles, atemorizado, que os inimigos eram em tão grande numero, que as suas flechas escureceriam o

sol.—«Tanto melhor, respondeu outro, combateremos á sombra». Leonidas

desejava salvar dois mancebos espartanos; deu a um d'elles uma carta, a outro uma commissão para os éphoros.—«Não estamos aqui para levar recados;

estamos para combater».

Durante muitos dias procurou o Rei dos Persas forçar a passagem; e já quasi

desesperava de conseguil-o, quando um traidor grego lhe ensinou um atalho por

meio do qual se podia tornear a inexpugnável posição.

No dia seguinte, os Gregos de Leonidas vêm-se cercados pelo inimigo. Os trezentos Espartanos, e setecentos habitantes da cidade de Thespia, resolveram sacrificar-se pela pátria. Allí succumbiram todos, combatendo como leões.

Xerxes, que tinha perdido vinte mil dos seus melhores soldados, sentiu a humilhação da sua victoria. Pelo contrario, o sentimento nacional dos Gregos exaltou-se com esta derrota gloriosa, e decidiram-se a defender a liberdade e a independencia até á morte.

Batalha de Salamina. —Durante este tempo, conservava-se no estreito de Artemision a esquadra grega, commandada superiormente pelo espartano

Eurybiades, commandando Themistocles as galeras athenienses. Fazia-lhe frente

a immensa esquadra dos Persas, e entre pequenas fracções das duas armadas haviam-se travado já algumas escaramuças e combates parciaes.

Quando se soube que tinha sido forçado o desfiladeiro das Thermopylas, e que

Xerxes, depois de devastar a Phocida e{39} a Beocia, avançava sobre Athenas, determinado a destruí-la, os Athenienses esperavam que todas as forças alliadas tentariam defender a Attica. Mas os outros Gregos, cuidando especialmente em

cobrir o Peloponeso, só pensavam em fechar o isthmo de Corintho, já fortificado por uma formidável muralha.

Themistocles fez então revogar a lei de exílio contra Aristides, e determinou o

povo a abandonar Athenas para se não expôr á lei do vencedor; as mulheres e as creanças foram para Trezena, para Egina e para Salamina; os homens

recolheram-se á esquadra; e a cidade foi incendiada e devastada.

A esquadra persa ancorou na enseada de Phalera. Os Gregos, assustados, deliberam abandonar o estreito de Salamina e aproximar-se do isthmo onde estão reunidas as forças de terra. Contra esta deliberação insurgiu-se Themistocles, por intender que o combate sería mais favoravel n'umas aguas apertadas, onde a grande esquadra persa, não podendo mover-se á vontade, perderia parte das vantagens do numero. No conselho dos chefes, foi tal a energia da sua opposição, que o almirante-supremo, Eurybiades, levantou contra elle o bastão de commando.—«Bate, mas ouve!» replicou imperturbavel Themistocles,

contendo assim o impeto do feroso espartano.

De nada lhe valeu a perseverança com que procurou dissuadir os outros chefes. Recorreu então a um estratagemma que, se não sortisse effeito, poderia ser tomado por uma traição horrorosa. Inviou a Xerxes um mensageiro secreto, a informál-o das divisões dos Gregos e do projecto de retirada, e lembrando-lhe que os fechasse no estreito, onde poderia aniquilál-os com facilidade.

Immediatamente Xerxes deu ordem para bloquear a ilha e a esquadra grega.

Foi Aristides quem, regressando do exilio e tendo atravessado a esquadra inimiga, deu aos Gregos a noticia de estarem envolvidos. Só restava combater desesperadamente. Foi o que se fez.

O papel de Themistocles, quaesquer que sejam as suspeitas que a Historia tenha de reservar sobre a fidelidade e boa fé d'este homem estranho, é incontestavel que foi decisivo n'esta batalha memoravel. A victoria dos Athenienses foi completa, e salvou a Grecia. Xerxes retirou-se abatido e com precipitação, atravez da Thessalia, da

Macedonia e da Thracia, onde grande numero dos seus soldados morreram de fadigas, de frio e de fome; e tornou a atravessar o Hellesponto.{40} Os Espartanos, tão ciosos das glorias alheias, deram espontaneamente uma corôa de oliveira a Themistocles.

Batalhas de Platéia e de Mycale. —Na Thessalia ficaram trezentos mil homens, sob o commando de Mardonio, para effectuarem a submissão da

Grecia. Passado o inverno, desceram atravez da Beocia; devastaram a Attica, de

novo abandonada pelos confederados; e occuparam Athenas, quasi completamente em ruinas e deshabitada. Mas, na grande *batalha de Platéia* (479), os Gregos, commandados pelo espartano *Pausanias*, o qual tinha sob as suas ordens Aristides, general dos Athenienses, obtiveram sobre o exercito inimigo, tres vezes superior em forças, uma victoria tão completa que a maior parte dos inimigos, incluindo o seu general, ficaram no campo de batalha.

Apenas 40:000 homens tornaram a atravessar o Hellesponto.

No mesmo dia d'esta assignalada batalha, a esquadra grega, commandada pelo

rei espartano *Leotychidas*, derrotou a esquadra persa em frente do promontorio de Mycale, na Asia-Menor. Xantippo, pae de Pericles, commandante dos navios

athenienses, teve uma parte importante na gloria d'esta grande acção naval.

CAPITULO VI

HEGEMONIA DE ATHENAS

Reacção da Grecia sobre a Asia. —Depois d'estas victorias, Aristides fez acceitar aos alliados a idéa de uma *liga* permanente

contra a Persia; e decidiu as ilhas e os portos gregos a concluírem uma aliança com os Athenienses (476), obrigando-se a fornecerem dinheiro e navios para a continuação da guerra. O

centro da Liga estabeleceu-se em Delos, e aos Athenienses coube a gerencia financeira da associação e o commando da esquadra commum.

Uma tendencia irresistivel impellia os Gregos para a Asia. Apenas a invasão

fôra repellida e logo os Athenienses retomaram Sestos e o Chersoneso da Thracia. Em 477, a esquadra, commandada por Pausanias, apoderou-se de Chypre e de Byzancio, e chamou á liberdade as cidades gregas da Asia.

O contacto com os povos do Oriente causou a perda do general{41} espartano

Pausanias. Este, quando tomou Byzancio, aprisionou alguns persas de elevada gerarchia, entre os quaes se contavam alguns parentes do Rei. Pausanias restituiu-os a Xerxes, contra vontade dos outros confederados, e mandou prometter ao Rei da Persia que o auxiliaria a combater Esparta e a dominar a Héllada, mediante a condição d'elle lhe dar uma filha em casamento e de o fazer governador do Peloponeso. O Rei da Persia acceitou a proposta, e Pausanias tornou-se tão arrogante que chegou a esquecer as leis e os costumes de Esparta.

Adoptou o uso de vestuarios magnificos, intregou-se a excessos de mesa, tomou

para seu serviço creados médos e egypcios, tornou-se odioso pela sua altivez, fazendo a auctoridade espartana detestada. Chamado a Esparta, continuou a manter intelligencia com Xerxes e a preparar os meios de se apoderar do poder

absoluto. Sendo descoberta a sua traição, refugiou-se no Templo de Minerva Chalciœcos, d'onde não era possível arrancá-lo sem commetter sacrilegio; e por isso os Ephoros mandaram tirar o tecto ao edificio, e intaipar as portas, deixando-o alli morrer de fome.

Emquanto isto succedia com Pausanias, que, pela sua defecção, fazia perder a Esparta o commando supremo dos alliados,— Themistocles ingrandecia Athenas,

cercando-a de muralhas, construindo o porto do Pireu que se tornou uma cidade, e que posteriormente foi unido a Athenas, que lhe ficava á distancia de 7

kilometros, por dois longos muros concluidos no tempo de Pericles. Attrahiu á Attica, por meio do offerecimento de grandes vantagens, excellentes operarios estrangeiros, e fez decretar que todos os annos se construísse um certo numero de triremes, para assegurar a supremacia maritima da sua patria. Em 474, os seus inimigos politicos conseguiram exilal-o por dez annos, por meio do ostracismo; e os Espartanos, que o detestavam, pelo modo como elle ingrandecêra Athenas,

accusaram-n'o de ter tomado parte na traição de Pausanias, por não o haver denunciado, e citaram-n'o a comparecer perante um tribunal da confederação, cuja presidencia pertencia a Esparta.

Themistocles, perseguido, conseguiu a muito custo e atravez dos maiores perigos, retirar-se para a Asia (466) onde o Rei da Persia o recebeu com a maior consideração dando-lhe por apanagio tres

ciudades da Asia-Menor. O fim da sua vida foi obscuro.

Cimon e a grandeza maritima de Athenas. —A Pausanias succedeu Cimon,

filho de Milciades, no commando em chefe{42} dos confederados. Era da facção

dos Eupatridas, que o oppunham a Themistocles. Comtudo, apesar de aristocrata

e apoiado por elles, estava-lhe reservado o fazer triumphar por toda a parte a influencia da democracia atheniense; imhora adversario de Themistocles, coube-lhe o papel de realizar o pensamento patriotico d'este grande homem.

Começou por expulsar os Persas da sua ultima estação na Thracia, e

conquistou o littoral onde os Athenienses então fundaram Amphipolis; expulsou

os piratas da ilha de Scyros dividindo a ilha por colonos athenienses; percorreu como vencedor as costas da Caria e da Lycia, libertando do dominio asiatico as cidades gregas. Ganhou (em 466) duas batalhas no mesmo dia (uma terrestre, outra naval), nas margens do Eurymédon, o que assegurou a Athenas o imperio

do mar, e tentou uma brilhante expedição contra a ilha de Chypre (460), para arrancál-a aos Persas. Em 458 foi votado ao ostracismo, pelas suas opiniões aristocraticas, que o levaram a oppôr-se ao movimento progressivo da

democracia na cidade. Morreu em Chypre, em 449.

Athenas até á paz de Pericles. —Na lucta com a Persia crescia o poder atheniense, sem proveito particular para os outros povos alliados. Começaram estes a mostrar o seu descontentamento, que Cimon explorou com habilidade summa. Levou-os a substituir o seu contingente de soldados e de marinheiros por um augmento de contribuição para o cofre da Liga em Delos, e a intregarem-lhe as suas galeras vazias. D'este modo desarmou-os, transformando-os de alliados e de confederados em tributarios e em vassallos. Deixou até de os consultar, transportou para Athenas o thesouro hellenico, e dilatou a sua influencia energica até ao governo interno das cidades.

Naxos revoltou-se (463), mas foi castigada e teve de suportar o estabelecimento de uma colonia atheniense; a ilha de *Thasos* perdeu os seus navios, as suas ricas minas de ouro nas costas da Thracia, e a sua independencia; *Egina* foi conquistada (457) depois de uma grande luta, os seus habitantes expulsos e ella repovoada por colonos atticos; *Mégara* cahiu tambem na dependencia de Athenas; *Carystos*, na Eubéa, teve a mesma sorte.

Os Espartanos, ciosos da preponderancia dos seus rivaes, preparavam-se para

guerreá-los, apesar da luta em que andavam com Argos e outras cidades do Peloponeso, quando uma serie de calamidades os feriu. Um espantoso terramoto,

{43} que abalou, a Arcadia e a Laconia, precipitou sobre Esparta um grande desmoronamento do monte Taygeto (465). A maior parte da cidade ficou em ruinas, perecendo vinte mil pessoas.

Os hilotas, crendo favoravel o momento para a sua emancipação, atacaram os

sobreviventes, mas foram repellidos. Dispersando-se e fugindo, ligaram-se com

os Messenios que, revoltando-se de novo, se intrincheiraram no monte Ithoma, começando uma *terceira guerra de Messenia*, a qual durou dez annos (464-454).

Foi só depois de finda esta guerra, que os Espartanos puderam voltar as suas

attenções para Athenas. Invadiram a Héllada com um formidavel exercito, sendo

o seu fim contrabalançar a influencia de Athenas com o restabelecimento da hegemonia de Thebas sobre as cidades beócias, a qual tinha sido anniquilada durante as Guerras Persicas.

Ganharam a victoria de *Tanagro* (456) contra os Athenienses, commandados por Pericles. Mas, dois mezes depois, Myronidas inutilizou todas as vantagens adquiridas pelos Espartanos, ganhando a batalha de *Ænophyta*,—batalha que tornou os Athenienses senhores da Phocida, da Locrida e da Beocia.

Chegára, assim, Athenas ao apogeu da grandeza, d'onde em breve tinha de cahir, porque a propria extensão das suas possessões lhe havia de ser fatal.

Romperam dissidencias entre Athenas e Esparta, por causa da intendencia no Templo de Apollo. Os Espartanos queriam-n'a para os de Delphos, seus alliados; os Athenienses, alliados dos Phocidios, sustentavam as pretensões d'estes, os quaes as fizeram triumphar pelas armas. Um exercito espartano restituiu o templo aos primeiros; um exercito atheniense, commandado por Pericles, retomou-o para os segundos (448). Estas excursões guerreiras dos dois povos dominantes, atravez da Beocia, accenderam os odios dos partidos; e os exilados beocios da facção aristocratica puzéram-se em campo, chegando a apossar-se de

várias cidades. *Tolmidas*, general atheniense, atacou-os com pequenas forças, e foi completamente desbaratado na batalha de *Choronea* (447). A Beocia cahiu, de novo, sob o poder de Thebas; Mégara e a Eubéa revoltaram-se, e um exercito

espartano, atravessando o isthmo, chegou ameaçador ás fronteiras da Attica.

Pericles comprou a pezo de oiro o general lacedemonio; e concluiu com elle um

tratado em virtude do qual Athenas, para não perder a Eubéa, restituiu todos os pontos de que se havia apossado nas costas do Peloponeso.{44}

As duas cidades rivaes ajustaram uma tregua de 30 annos (445), garantiram mutuamente as suas hegemonias. Assim ficou Esparta

com a preponderancia continental; Athenas, com o dominio do mar.

CAPITULO VII

O SEculo DE PERICLES

Pericles, grande estadista e guerreiro, que nasceu em 494 A. C., era filho de Xantippo, o vencedor dos Persas em Mycale. Apesar da sua ascendencia nobre,

adoptou os principios democraticos e poz-se á frente do partido popular.

Em 461 começou a apparecer nos negocios publicos, e induziu o orador Ephialtes a propôr um decreto que arrancava ao areopágo as suas mais importantes attribuições para as transferir para o povo, despojando assim aquelle supremo conselho da nobreza, de todo o seu poder moral e dos seus privilegios

aristocraticos, transformando-o n'um simples tribunal de jurisdicção muito limitada. O decreto foi approved; e quando Cimon, ao regressar de uma das suas expedições, tentou operar uma contra-revolução a favor da aristocracia, o povo votou-o ao ostracismo, como já dissémos.

Foi discipulo, em dialectica, de Zénon d'Eléa; e de Anaxagoras, nas altas concepções philosophicas,—adquirindo nos habitos serios de um estudo

profundo e de uma reflexão aturada, uma certa majestade grave e serena, que em todas as suas palavras e em todos os seus actos transluzia, a ponto dos seus contemporaneos lhe darem o qualificativo de *Olympico*.

Pela morte, de Cimon, Pericles ficou em Athenas com um ascendente

incontestado e absoluto. O seu governo foi uma verdadeira dictadura. Sob o titulo de *stratégo* (general) annualmente eleito, sem nenhuma outra dignidade (pois ha duvidas até sobre se alguma vez foi archonte), tomou a direcção de todos os negocios, e exerceu com nobreza e rectidão uma auctoridade cuja extensão podia ser um perigo.

Conservou as fórmãs republicanas do governo e não reprimiu os habitos da liberdade. Os poetas comicos e muitos philosophos, todos partidarios da

aristocracia, chegavam a diffamar{45} Pericles, nas suas peças e nas suas licções, sem nenhum receio de repressão para os abusos da sua critica. As magistraturas, em lugar de serem dadas pelo suffragio, como até ahi, passaram a ser distribuidas pela sorte, processo mais democratico, porque deixava os cargos abertos a todos, ao passo que a eleição, imbroa exercida pelo povo, os fazia recahir sempre nos grandes. Este systema de sorte não tinha inconvenientes em

uma sociedade constituida como o era a atheniense. Aqui, os cidadãos (isto é, os athenienses de condição livre) não passavam de uns vinte mil, e constituíam uma verdadeira aristocracia popular, na qual todos os membros tinham sensivelmente a mesma educação politica, e estavam nas circumstancias de desimpenhar os mesmos cargos. Conservou-se, porém, o processo da eleição para a nomeação dos *stratégos*, cujas funções eram muito importantes, e comprehendiam todos os negocios militares, e todas as relações da politica externa. E, com respeito aos archontes e aos senadores, a sorte só podia exercer-se entre os que se apresentavam candidatos, os quaes se submettiam a um rigoroso exame prévio.

Attribuiu a gratificação de tres óbolos diarios a todo o cidadão que nas assembléas judicarias e nas politicas tomasse assento, consagrando o seu tempo ao estudo e á regularização das questões ahi apresentadas e debatidas.

Augmentou o estipendio dos soldados e dos marinheiros; ordenou distribuições

gratuitas de trigo ás classes pobres; tomou a cargo da cidade a educação dos filhos d'aquelles que morriam pela patria; arbitrou soccorros periodicos aos invalidos e infermos; etc. Inviou colonos para muitos pontos da Asia e das ilhas, dando-lhes terras e conservando-lhes os seus direitos de cidadãos de Athenas; decretou grandes solemnidades nacionaes, festejos publicos para regosijo e illustração do povo; finalmente, cobriu Athenas com os mais sumptuosos e bellos monumentos que jámais se edificaram, alguns dos quaes estão ainda de pé, attestando a sua magnificencia primitiva debaixo das mutilações que os tempos lhes trouxeram.

Como os rendimentos da Attica não podiam chegar nem para o centesimo do

custo de tantas obras primas, Pericles não hesitou em lançar mão das contribuições que os alliados derramavam no thesouro commum, e cujo fim era

assegurarem, em caso de ataque, a defesa dos interesses geraes das cidades confederadas. Este proceder infiel, que a posteridade quasi não teve animo de estigmatizar, em vista das maravilhas artisticas a que deu origem, foi um aggravo que as{46} cidades juntaram a muitos outros já recebidos de Athenas, e que com elles concorreu para a queda d'esta potencia oppressora.

Pericles commetteu um grande erro mandando fazer o recenseamento dos verdadeiros cidadãos da Attica, excluindo d'esta classe todos os que não eram filhos de pae e mãe athenienses. Cinco mil habitantes perderam assim os seus direitos politicos.

É prodigioso o esplendor das artes na Athenas de Pericles. Atravez dos seculos ficou deslumbrando o mundo o sol de civilização que d'alli irradiou.

Nomes immortaes, como os de nenhum outro povo, attestam a preeminencia da

raça hellenica em todas as concepções do espirito, e dão lustre inolvidavel aos tempos que, por toda a posteridade, ficaram consagrados com o nome de *seculo de Pericles*.

Nas bellas artes monumentaes e decorativas basta citarmos os nomes de *Phidias*, de *Ietino*, de *Mnesicles*, de *Zeuxis* e de *Parrhasio*; na poesia dramatica *Sophocles* e *Euripides* (*Eschylo* foi um pouco mais antigo); na comedia politica e satyrica *Aristophanes*; na historia, na philosophia, etc., *Herodoto*, *Socrates*, *Anaxagoras*, *Hippocrates*, e tantos outros, logo pouco depois seguidos de *Aristoteles*, *Platão*, *Xenophonte*, *Thucydides*!

CAPITULO VIII

GUERRA DO PELOPONESO

Desde a revolta de Corcyra até á paz de Nicias. —A tregua de trinta annos celebrada, em 445, entre Esparta e Athenas, não poude durar mais de quatorze.

Em 436, rebentou uma guerra entre Corintho e Corcyra, sua colonia, na qual Athenas tomou o partido d'esta contra a metropole. Ao mesmo tempo, os Athenienses tinham tornado tributaria a colonia corinthia de Potidéa, na Macedonia, e n'esse momento lhe estavam pondo cêrco por ella, confiada no apoio do Peloponeso, negar-se a pagar-lhe tributo (432).

Corintho, Esparta e as cidades do Peloponeso accusaram Athenas de ter rompido as treguas, e de opprimir os seus alliados. Estavam em presença duas ligas hostis: uma, a *liga atheniense*,^{47} na qual intravam as colonias jônicas e a maior parte das ilhas (Lesbos, Chios, Samos, etc.), apoiada pelo partido democratico de todas as cidades e firmando o seu poder material principalmente na sua marinha; outra, a *liga peloponesica*, a cuja frente estava Esparta, e que se compunha dos Estados dóricos e da maior parte dos Estados eolios

(Beocia, Phócida, etc.), tendo pelo seu lado o partido aristocratico das differentes cidades, e contando, como principal recurso material, com a bravura do exercito de terra.

Reunida a dieta geral do Peloponeso, em Esparta, os Corinthios apresentaram

as suas recriminações, em virtude das quaes os Lacedemonios reclamaram de Athenas o levantamento do cêrco de Potidéa, o da interdicção pronunciada contra Megara, e a restituição da liberdade a todos os confederados, mórmente aos Eginetas. Como os Athenienses não satisfizessem nenhuma d'estas

exigencias, um exercito espartano invadiu a Attica e devastou-a.

Ao principio a lucta foi-se protrahindo n'uma série de escaramuças e surpresas de saque. Todos os annos, pela primavera, os de Esparta vinham devastar a Attica, e a esquadra atheniense andava exercendo as suas rapinas pelas costas do

Peloponeso. Ao terceiro anno de guerra, uma peste horrivel, vinda das bandas da Ethiopia, dizimou a população accumulada em Athenas. Pericles, depois de perder dois dos seus filhos, cahiu, tambem, fulminado pelo flagello (429).

O partido popular deu-lhe para successor Cléon, por nenhum modo capaz de

se comparar a Pericles,—mas dotado, ainda assim, de talentos administrativos, e de patriotica energia. A guerra continuou. Athenas viu a destruição de Platéia, sua fiel alliada, pelos Espartanos e pelos Beocios, os quaes assassinaram os habitantes capazes de pegar em armas e reduziram á escravidão as mulheres e as creanças. Os Athenienses tomaram a ilha de Lesbos onde exerceram represalias

crueis: no primeiro momento queriam matar todos os habitantes de Mitylene (427), reduzindo á escravidão as creanças e as mulheres;

depois, reconsideraram, e condenaram á morte mil revoltosos. A lucta tomára o caracter de uma vingança horrorosa.

No sexto anno da guerra, a peste reappareceu, e houve, grandes terremotos na

Attica, na Beocia, e nas ilhas. Em 424, Brasidas, illustre general lacedemonio, consegue intrar em Amphipolis e faz pender as vantagens para o lado de Esparta; mas Demosthenes (não é o orador), general atheniense, contrabalança este exito do seu adversario, apoderando-se da importante posição de Pylas (Navarino), na costa da Messenia, onde se mantêm, apesar dos ataques de Brasidas, o qual

não poudé conseguir mais, para inquietar o inimigo, do que desimbarcar quatrocentos e vinte Espartanos na pequena ilha de Sphacteria, onde, depois de uma defesa pertinaz, foram uns mortos, outros aprisionados por Cléon (425).

Admittia-se, desde as Thermopylas, que os Espartanos podiam ser mortos, mas nunca aprisionados, de modo que o resultado da lucta em Sphacteria produziu um grande effeito moral nos Athenienses. Os Espartanos começam a sentir uma série de revezes: perdem Cythera e outras posições importantes, vêem devastada a Laconia, teem de reprimir as insurreições dos Messenios e dos Hilotas, assistem a novas vantagens ganhas pelos Athenienses, e, vendo o Peloponeso como que bloqueado por estes, perdem a força moral e mandam implorar a paz, que lhes é affrontosamente recusada.

Em breve, porém, a fortuna das armas muda de rumo. Os Athenienses são vencidos pelos Beocios em Delio; Brasidas, apoiado pelo Rei da Macedonia, Perdicas, foi combater as colonias athenienses á Thracia e á Chalcidica, para ferir Athenas no seu poder maritimo, cortando-lhe as suas relações com os povos que lhe forneciam a cordoalha dos seus navios e as madeiras de construcção. O

partido da paz, isto é, o partido aristocratico, tendo á sua frente *Nicias*, começou depois d'isto a crear preponderancia. Mas Brasidas e Cléon eram intransigentes e apoiavam a guerra a todo o transe. Em 421, Brasidas tomou Amphipolis, que os

Athenienses perderam pela negligencia de Thucydides, tão mau general como grande historiador.

Cléon apresenta-se deante da praça para reconquistá-la aos Lacedemonios.

Dá-se uma batalha, em que os Athenienses são vencidos, mas na qual os dois generaes perdem a vida, terminando assim os dois principaes obstaculos que havia contra a paz. Então os partidarios da paz adquirem de novo a superioridade, e conclue-se a *paz de Nicias*, pela qual foi garantida uma tregua de armas de cinquenta annos.

A tregua foi observada na apparencia durante uns septe annos, mas de facto rompida um anno depois da conclusão do tratado.

Alcibiades. —Os Corinthios, vendo que se concluire a paz entre Esparta e Athenas, sem contar com elles nem com os outros Estados secundarios, indignaram-se contra Esparta, e, ligando-se com Argos e algumas cidades da Arcadia, resolveram{49} tirar a Esparta a hegemonia do Peloponeso. Deu-lhes o

seu apoio o atheniense *Alcibiades*, sobrinho de Pericles e discipulo de Socrates, homem com admiraveis dotes naturaes, riquissimo, formoso, espirituoso, sabio,

eloquente, mas tambem ambicioso, desleal, corrompido, sem fé nem convicções,

indifferente para tudo,—n'uma palavra, o mais brilhante, mas tambem o mais immoral e o mais perigoso cidadão de uma republica.

Logo que se envolveu nos negocios do Peloponeso determinou uma guerra entre os Espartanos e os confederados. D'esta lucta sahiu Esparta victoriosa na batalha de Mantinéa (418). Apresentando-se como adversario de Nicias, chefe da aristocracia e do partido da paz, fez isso menos por suggestão da consciencia do que para explorar em proveito da propria ambição os sentimentos bellicosos das classes mais baixas.

Decidiu, com a sua eloquencia, os Athenienses a imprehenderem uma

expedição contra a Sicilia, da qual teve o commando juntamente com Lamacho e

Nicias. O pretexto era soccorrer Segesto contra Selinonte e Syracuse; o fim verdadeiro da expedição, ferir as colonas doricas e cosquistar as ricas cidades

gregas da Sicilia. A impresa malogrou-se. Na vespera da partida da esquadra (415) appareceram mutilados durante a noite, em toda a cidade, os Hermes ou bustos de Mercurio. Os inimigos de Alcibiades atribuiram-lhe este sacrilegio, bem como o de ter profanado os mysterios de Elensis; e, transformando as suas

suspeitas n'uma accusação capital, revocaram-n'o, mal elle tinha chegado á Sicilia, afim de ser julgado no tribunal. Segundo o relatorio apresentado pelo orador Andocides, aquelle sacrilegio fôra uma conspiração secreta contra a constituição democratica, e como suspeitos de cumplicidade n'elle foram presos e condemnados á morte muitos cidadãos respeitaveis. Alcibiades, temendo a mesma sorte, expatriou-se, e, sendo condemnado, retirou-se para Esparta, onde, por vingança, premeditou a ruina da sua patria, e determinou os Espartanos a renovarem a guerra. Por conselhos d'elle, os inimigos de Athenas apossaram-se

da forte posição de Decelia, na Attica, e resolveram-se a soccorrer os Gregos da Sicilia, onde Nicias, contrario á guerra, conduzia as operações frouxamente.

Gylippo, habil general espartano, foi em socorro de Syracuse e deu um golpe fatal nos Athenienses, que cercavam a cidade. Lamacho morreu (414) com uma

grande parte dos hoplitas; a propria esquadra atheniense foi toda destruida pelos navios mais poderosos dos Syracusanos{50} e dos Corinthios; Nicias e

Demosthenes foram decapitados em Syracuse ás mãos do algoz; os que não morreram com as armas na mão, foram condemnados a uma escravidão

durissima (413).

Em Athenas, ao saber-se d'estes desastres, quasi todas as familias vestiram lucto; os confederados athenienses desligaram-se da cidade feliz e procuraram o apoio de Lacedemonia; um exercito espartano, intrincheirado em Decelia, fechava as communicações; uma esquadra espartana, commandada por

Tissaphernes, governador da Asia-Menor, em nome dos Persas, atacava as forças

navaes de Athenas; a Eubéa cahiu no poder das forças do Peloponeso; e, dentro

de Athenas, um partido oligarchico, dirigido por *Pisandro*, procurava derrubar a constituição democratica, de intelligencia com Esparta. Para isso, instituiu um *conselho dos quatrocentos* que a si mesmo se elegia, limitou a comunidade do povo a cinco mil cidadãos, que nunca foram convocados para o exercicio dos seus direitos civis.

A esquadra atheniense, do commando de *Thrasybulo*, que estava em Samos, pronunciou-se contra esta revolução e manteve a antiga ordem de coisas.

Alcibiades, a esse tempo descontente com os Espartanos, retirou-se para a Asia, chamou aos seus interesses Tissaphernes, tomou o

commando da esquadra de Samos, ganhou proximo de *Cyzico* (410) e em mais dois combates gloriosas

victorias contra os Lacedemonios, apoderou-se de Byzancio, de Chalcedonia, e de outros pontos da costa, e estabeleceu no Hellesponto um direito de navegação que fez affluir um novo rendimento para Athenas.

Alcibiades, amnistiado e glorificado por um decreto publico, introu em Athenas como triumphador, foi nomeado generalissimo do exercito e da

esquadra, e o povo atirou ao mar as tábuas onde as suas faltas estavam inscriptas.

Partindo para a Asia, afim de completar a submissão das antigas possessões athenienses e de bater a esquadra inimiga, foi infeliz n'uma impresa contra a ilha d'Andros. Durante uma ausencia sua, um de seus immediatos foi derrotado nas alturas de Epheso (407) pela esquadra de Lacedemonia, commandada por

Lysandro. Os Athenienses, tristemente impressionados com estes revezes, retiraram o commando a Alcibiades e nomearam, para o substituir, dez generaes, entre os quaes se contava *Conon*. Então Alcibiades, reunindo alguns mercenarios estrangeiros, retirou-se para as fortalezas que mandára construir na Thracia, e d'alli começou a fazer guerra por sua propria conta, como um aventureiro. {51}

Os Espartanos, commandados por *Callicratidas*, atacaram Lesbos e bloquearam os navios athenienses no porto de Mitylene. De Athenas foi uma nova armada em soccorro da primeira. Travou-se um grande combate naval proximo das ilhas *Arginusas* (406), onde Callicratidas, successor de Lysandro, ficou morto. A victoria decidiu-se afinal pelos Athenienses.

Seis dos generaes vencedores foram condemnados á morte pelo povo, não só

por terem deixado de recolher os cadáveres dos seus mortos (o que era um sacrilegio para as idéas religiosas dos Gregos), como também por terem deixado perecer sem socorro as tripulações de 25 triremes desamparadas durante o combate e batidas pela tempestade.

Queda de Athenas. —Depois da derrota e morte de Callicratidas, Esparta restituiu a Lysandro o commando da esquadra. O almirante espartano soube conciliar habilmente o favor de *Cyro « o Moço »* governador da Asia-Menor, e com o auxilio dos Persas augmentou as forças navaes de Lacedemonia.

Percorreu audazmente todo o Mar Egeu, tomou Lampsaco, e surpreendeu a esquadra atheniense ancorada em *Ægos-Potamos* (« *Rio das Cabras* »); na costa do Hellesponto, não longe de Sestos. Só puderam escapar oito navios

athenienses que Conon salvou em Chypre, e um bom veleiro, o *Paralos*, que

levou a triste noticia a Athenas (405). Assim acabou o predomínio marítimo e a grandeza politica d'esta cidade.

A batalha de *Ægos-Potamos* foi uma horrorosa carnificina. Os marinheiros e

soldados athenienses estavam na maior parte desimbarcados, em jogos e distrações, quando foram surpreendidos. Os navios eram capturados e

destruidos quasi sem resistencia. Tres mil Athenienses, com muitos dos seus chefes, foram, em seguida, conduzidos a Lampsaco e sacrificados á vingança dos Espartanos.

Lysandro percorreu em seguida todas as cidades maritimas da obediencia de Athenas, nenhuma das quaes ousou resistir-lhe, destruindo n'ellas os governos democraticos e substituindo-os por oligarchias. Depois atacou Athenas pelo lado do mar, enquanto pelo

lado de terra a cercavam os reis espartanos Agis e Pausanias. A grandiosa cidade, digna de melhor sorte, dilacerada internamente pelo furor dos partidos, prolongou quanto pôde a sua defesa heroica; mas, porfim, nos apertos da fome, teve de render-se sem condição (404).

Os vencedores impuzéram-lhe:—a demolição dos seus muros e das fortificações do Pireo; a entrega de todos os navios, exceptuando{52} doze galeras, limite máximo a que ficava reduzida a sua marinha; a evacuação de todas as cidades conquistadas; o regresso dos exilados amigos de Esparta; o pagamento de um tributo annual; a abolição da constituição democratica, e a sua substituição pela oligarchia dos *trinta tyrannos*.

Para a humilhação ser mais completa, as galeras athenienses foram queimadas, e as muralhas bem como as fortificações foram arrasadas ao som de flautas, no meio de chascos grosseiros, e em presença de todos os aliados de Esparta coroados de flores.

CAPITULO IX

TYRANNIA DOS TRINTA EM ATHENAS.

RESTABELECIMENTO DA DEMOCRACIA

A administração do governo atheniense foi confiada por Lysandro a 30

membros da nobreza, aliados de Esparta, os quaes receberam a missão de organizar o Estado no sentido aristocratico por meio de leis novas. Estes oligarchas, a cuja frente estava *Critias*, ficaram conhecidos pelo nome de *trinta tyrannos*; e o seu governo foi um verdadeiro periodo de terror; tantas foram as crueldades e prepotencias por elles praticadas, não só contra os democratas,

mas até mesmo contra os aristocratas mais moderados. Só tres mil cidadãos gozavam do direito de burguezia, e os *trinta* chegaram a decretar que só os *tres mil* poderiam habitar em Athenas, sendo banidos os outros cidadãos. As diversas cidades regurgitavam de proscriptos athenienses.

Thrasybulo, chefe dos democratas, e um dos heroes da grande guerra,

impreendeu libertar a cidade. Sahiu de Thebas com um punhado de proscriptos,

e intrando na Attica, onde se apossou de uma pequena fortaleza, repeliu dois ataques dos Trinta e dos Lacedemonios, surprehendeu de noite o Pireu e conseguiu chamar os oligarchas ao combate. Critias morreu combatendo; os outros tyrannos retiraram-se para Eleusis, com permissão de Thrasybulo, que restabeleceu a constituição democratica e promulgou uma amnistia, restituindo d'este{53} modo a tranquillidade ao Estado. Athenas offertou ao seu libertador a corôa de oliveira.

Socrates. —N'estes desgraçados tempos viveu o grande philosopho Socrates, um dos maiores nomes da historia da humanidade. Nascido em 469, pagou á patria o seu tributo de sangue combatendo em Potidea, em Amphipolis e em Delion. Na primeira d'estas batalhas salvou a vida a Alcibiades, na ultima ao

moço Xenophonte. Não é aqui logar para expormos as suas idéas philosophicas, na manifestação das quaes empregava um methodo interrogatorio, que ficou celebre com a designação de *ironia socratica*.

Em 399, a democracia atheniense, usando de uma intolerancia que para sempre a maculou, instaurou processo a Socrates pelas suas opiniões religiosas e pela sua propaganda politica; e este grande homem foi condemnado a beber a cicuta, morrendo com admiravel serenidade.

CAPITULO X

HEGEMONIA DE ESPARTA

Vencida Athenas, os Espartanos procuraram completar a sua hegemonia sobre

as ilhas e as cidades do litoral, conquistando a soberania do mar. Apoderaram-se de Samos, obrigando os cidadãos a emigrar e a abandonarem as suas riquezas; tiraram aos habitantes de Chio os seus navios, e mataram por traição 80

democratas de Mileto; subjugaram Elis; expulsaram novamente de Naupacta os

infelizes Messenios; lançaram pezadissimos impostos ás cidades maritimas e substituíram em toda a parte as constituições democraticas pela sua organização aristocratica. Com as contribuições formaram o seu thesouro publico; as populações do Peloponeso forneciam-lhe soldados; as das cidades do litoral e das ilhas, esquadras e marinheiros.

O seu dominio era mais oppressor para os povos subjugados do que fôra o de

Athenas, mais duro, mais cruel, e sem ter ao menos a compensação de manter n'uma alta esphera intellectual a cultura dos espiritos. Era a prepotencia da força,

{54} o desprezo da justiça, o anniquilamento do direito. Era a decadencia inexoravel, sem remedio.

Decadencia em tudo, rapida, nas instituições, na grandeza, na civilização, no

prestigio! Os éphoros tinham usurpado a auctoridade toda; os reis estavam reduzidos á condição de uns simples generaes

hereditarios; uns mil cidadãos, quando muito, constituíam toda a oligarchia soberana. A propriedade estava em

meia duzia de mãos; as classes servis, cada dia mais numerosas, principiaram a conhecer a força de que poderiam dispôr contra os seus oppressores, se conseguissem unir-se.

De toda a Grecia, apenas Argos, Corintho, Thebas, e a Etolia, não reconheciam o jugo terrivel de Esparta, e em breve haviam de ser o nucleo de uma formidavel coalisção.

A retirada dos Dez Mil. —No throno da Persia tinham-se succedido, a Xerxes, Artaxerxes Longomano (465-424), Xerxes II e Sogdiano (424), Dario II

Nothos (ou o Bastardo) (423-404), e Artaxerxes II Mnémon, que deu a satrapia

da Asia-Menor a seu irmão Cyro «o Moço». Este, pretendendo ter mais direitos

ao throno do que seu irmão, intentou arrancar-lhe o poder; e, para isso, juntou um formidavel exercito, no qual tomou a seu soldo treze mil mercenarios gregos, tropas que lhe foi facil juntar, pois com o termo da grande guerra muitas forças militares estavam desoccupadas.

Esparta, pelo seu lado, tinha interesse em favorecer a guerra civil na Persia, como uma garantia da sua propria tranquillidade e segurança do seu dominio; e

por esse motivo não só permittiu o levantamento das tropas, como tambem poz á

disposição de Cyro 25 galeras e um corpo de septecentos hoplitas.

Cyro invadiu a Persia, penetrou até ás portas de Babylonia; e ahi, na planicie de *Cunaxa*, travou-se uma grande batalha, na qual os

Gregos ficaram victoriosos, mas onde o régio aventureiro foi morto (401).

Cercados por todos os lados, os Gregos começaram a sua famosa retirada.

Cleároo, seu general, e outros officiaes, foram aleivosamente assassinados n'uma conferencia a que os Persas os convidaram; mas o atheniense *Xenophonte*, que tinha tomado parte, como voluntario, na campanha, poz-se á frente das tropas, e, de accordo com o espartano *Cheirisopho*, conduziu-as; no meio das mais incriveis dificuldades, atravez de quatrocentas leguas de paiz inimigo, por meio das montanhas impracticaveis da alta Mesopotâmia, da Armenia e do{55} Ponto,

até ás praias do Mar Negro. Quinze mezes durou esta extraordinaria operação militar, assignalada por cem combates, realizada por um punhado de homens, sem conhecimento do paiz nem da lingua, sem guias, passando a vau torrentes impetuosas, subindo cerros escavados, atravessando vastidões inhospitas, cobertas de neve espessa, soffrendo toda a especie de privações, acossados de perto pelos inimigos, inquietados a todo o momento pelos habitantes.

A retirada dos Dez Mil foi um dos maiores feitos militares da Antiguidade, e

immortalizou duas vezes *Xenophonte*, como capitão e como historiador. A *Anabasis* (ou a narrativa da expedição de Cyro «o Moço» contra a Persia e do regresso do exercito grego sob o commando do proprio historiador) é a melhor

obra de *Xenophonte*.

Expedição de Agesiláu. — Os Persas, irritados com os factos que acabamos de narrar, e pretendendo vingar-se, procuraram submeter de novo as cidades jonias do littoral, que eram então tributarias dos Espartanos. Estas pediram auxilio a Esparta, que lhes mandou um exercito, cujas vantagens ao principio foram

insignificantes; mas depois mudaram as coisas de feitio quando o rei Agesiláu (398-361) tomou o commando da expedição.

Agesiláu devastou a Phrygia, a Bithynia, a Caria, a Lydia; venceu perto de Sardes (396) o satrapa Tissaphernes, e outros governadores persas em diversos combates; enriqueceu de magníficos despojos os seus soldados. E preparava-se para chegar até ao coração do Imperio pelo caminho traçado pelos Dez Mil, quando recebeu ordem terminante de regressar a Esparta. Eram os Persas que tinham suscitado a Esparta uma guerra no interior da Grecia, e Agesiláu tinha de correr em auxilio da patria ameaçada.

Guerra Corinthia. —Incitada pelo oiro dos Persas, mas principalmente pela tyrannia espartana, Thebas foi a primeira cidade a insurgir-se contra a supremacia de Esparta; com ella se ligaram Corintho, Argos, Athenas, e a Thessalia. Lysandro, que partiu immediatamente para a Beocia, afim de remover

o perigo imminente, foi vencido e morto na batalha de Haliarte (395). N'isto chegou Agesiláu, a tempo de ganhar sobre os alliados a *batalha de Coronea* (394).

A Persia deu ao atheniense Conon uma esquadra phenicia, com a qual foi destruida, em frente de Cnido, a armada lacedemonia. Esparta perdia o dominio

do mar, e Athenas concebia{56} a esperança de rehavê-lo, sendo esse o pensamento de Conon. Este restituiu a independencia ás ilhas de Chios, de Lesbos, de Samos, expulsou os governos oligarchicos impostos pelos

Espartanos, e, auxiliado pela Persia, effectuou o restabelecimento das fortificações da cidade e do porto de Athenas, e a construcção de mais navios.

A republica atheniense, sentindo-se renascer, enviou Thrasybulo com uma esquadra para reduzir Byzancio, o que elle fez, sendo,

porém, morto na Pamphylia; mas, ao mesmo tempo, Athenas
commetteu um grande erro,

soccorrendo Evagoras, rei de Chypre, contra os Persas, o que lhe
retirou a

protecção d'estes, inclinando-os de novo para o lado de Esparta.

Por outro lado, Iphicrates, atheniense, general muito habil, fundou
uma tactica nova, servindo-se de soldados armados á ligeira e
dando aos hoplitas uma organização e um armamento mais
nacionaes. Assim conseguiu derrotar

completamente n'um recontro a infantaria, até ahi invencivel, de
Lacedemonia.

Esparta atemorizada com as vantagens dos Athenienses, tanto no
mar como na

terra, negociou com o grande rei o vergonhoso *tratado d'Antalcidas*.

Paz d'Antalcidas. —Por este tratado (387) foram submettidos aos
Persas os Estados Gregos do continente asiatico com a ilha de
Chypre, conservadas a Athenas as ilhas de Lemnos, de Imbros e de
Scyros, e reconhecidas como independentes umas das outras todas
as cidades da Grecia. Argos e Thebas, que

se recusavam a obedecer ao tratado, foram a isso constrangidas por
Esparta.

Por este tratado, imposto á Grecia por um monarcha estrangeiro, as
costas occidentaes da Asia-Menor foram para sempre arrancadas
ao dominio hellenico,

todas as ligas foram dissolvidas, todas as confederações
desmembradas, ficando assim destruidos todos os centros de força
e de vida collectiva.{57}

CAPITULO XI

DECADENCIA DE ESPARTA. HEGEMONIA DE THEBAS

Pela paz d'Antalcidas tornou a affirmar-se a preponderancia de Esparta, mas por pouco tempo. A orgulhosa cidade, oppressora e despotica, principiou por conquistar e destruir *Mantinéa* (386) qua se não submettia ao jugo com a exigida complacencia; depois enviou novamente para todas as cidades os seus partidarios aristocraticos, carregando-os de honras e poder. A cidade grega de Olyntho, na Macedonia, formava com outras cidades proximas uma liga, a *confederação chalcidica*. Os Espartanos prohibiram essa liga como contraria á paz d'Antalcidas.

Os Olinthos não quizeram dissolvê-la (382); e por isso viram o seu territorio

invadido pelos Espartanos que lhes puzéram cêrco á cidade e os obrigaram a submeter-se depois da uma lucta de tres annos.

Em 380, o general lacedemonio, *Phebidas*, atravessando a Beocia, ligou-se com os chefes do partido aristocratico de Thebas para os ajudar a derrubar o partido democratico, e tomou de surpresa a Cadmea ou a cidadella, com desprezo de todos os direitos. Tres annos depois, *Pelopidas* surprehendeu a seu turno a Cadmea, libertou-a, e reuniu toda a Beocia n'uma alliança commum (379).

Os Athenienses alliam-se então com as Thebanos, e uns e outros conseguem

tirar grandes vantagens contra Esparta, na terra e no mar. Na recontro de Tegyra (375), forças inferiores dos alliados derrotam a temivel infantaria dos Lacedemonios. Um certo numero de ilhas e de Estados maritimos, taes como Chios, Rhodes, Samos, Mitylene, formam uma segunda *liga atheniense*; a victoria do atheniense *Chabrias*, proxima de Naxos, em que toda a esquadra espartana foi anniquilada, restituiu a Athenas a supremacia maritima.

Juntamente com Pelopidas dirigia os negocios em Thebas um dos maiores homens da Antiguidade, *Epaminondas*. Pelopidas tinha

estabelecido o *batalhão sagrado*, corpo em que os guerreiros eram unidos pelos laços da amizade mais apertada; e Epaminondas introduziu uma nova tactica, a ordem de batalha obliqua. Graças aos seus esforços combinados, foram reduzidas á submissão as

ciudades menores da Beocia e destruidas Thespia e Platéia (374).

Athenas, descontente com o Engrandecimento e a ambição de Thebas,

concluiu pazes com Esparta. Thebas foi intimada a dissolver a sua liga recente e a libertar as cidades confederadas. Epaminondas, negando-o formalmente, viu os Lacedemonios invadirem o territorio thebano. Marchou ao encontro d'elles, levando Pelopidas debaixo do seu commando, e derrotou-os completamente na memoravel batalha de Leuctra, na qual terminou todo o prestigio militar dos Espartanos (371).

Epaminondas ingrossou o seu exercito com as forças que lhe enviaram quasi

todos os povos do norte da Grecia, atravessou o isthmo de Corintho em 369, penetrou na Laconia, desceu o valle do Eurotas e chegou até á planicie de Esparta a apresentar batalha ao velho rei Agesiláu. Este conservou-se habilmente na defensiva, com as suas tropas em posições fortissimas, d'onde o general thebano não poudes desalojá-las. Epaminondas satisfez-se com esta humilhação imposta ao orgulho de Lacedemonia; e, depois de ter devastado toda a Laconia

até ao mar, voltou para a Beocia com o seu exercito.

No seu regresso, chamou á liberdade os Messenios, e restituiu aos

descendentes dos antigos habitantes o paiz de seus paes, o que foi um golpe mortal para Esparta. Estes conseguem levantar, contra Thebas, Athenas, a Persia e Diniz de Syracusa. Epaminondas invade segunda vez o Peloponeso, mas é forçado a retirar abandonando os seus alliados de Argos e de Mantinéa, os quaes

perdem contra Esparta a batalha a que os Espartanos, por não terem perdido n'ella nenhum dos seus homens, ficaram chamando a *batalha sem lagrimas*.

Ainda Epaminondas invadiu o Peloponeso, pela terceira vez, em 366, e pela quarta vez, em 362, avançando direito sobre Esparta. Agesiláu reúne todas as suas forças e corre ao encontro d'elle, apoiado pelos Athenienses e pelos aristocratas da Arcadia. Dá-se a *batalha de Mantinéa* em que a victoria é ganha pelos Thebanos á custa da vida de Epaminondas. Pelopidas tinha morrido, dois

annos antes (364) n'uma expedição a Thessalia. Com a morte d'estes dois grandes homens, Thebas recahiu de novo na sua obscuridade. Mas nem Esparta

nem Athenas puderam tambem levantar-se mais.{59}

CAPITULO XII

SUPREMACIA DA MACEDONIA

Os antigos reis da Macedonia haviam sido tributarios dos Persas. *Alexandre I* (498-454) ora alliado dos Persas, ora alliado dos Gregos, atacou e desbaratou parte do exercito persa, quando este fugia atravez da Macedonia, depois da batalha de Platéia. Os reis que se lhe seguiram, taes como *Perdiccas II* (425), introduziram nas altas classes do paiz os costumes civilizados dos Gregos.

Archeláu (413-399) deu hospitalidade a Euripides e convidou Zeuxis a pintar-lhe o palacio e o templo de Pella. A este succedeu *Amyntas II* (399-369), cujo reinado foi muito tempestuoso. O filho mais novo d'este monarcha, *Philippe*, viveu algum tempo, como refens, em Thebas, em casa de Epaminondas, e ahi se

familiarizou com a organização e os costumes dos Hellenos, estudando ao mesmo passo o segredo da força e da fraqueza das republicas gregas.

Chamado ao throno, por morte de seus irmãos, bate os seus competidores, compra a alliança de Athenas, estabelece amizade com os Thracios, derrota os barbaros Peonios e Illyrios, e consegue restituir á Macedonia as suas fronteiras naturaes (358). Feito isto, pensa logo em alargá-las. Começa por conquistar umas apoz outras as colonias gregas assentes no littoral dos seus Estados, e organiza uma esquadra. Penetra na Thracia e chega até ás proximidades de Byzancio; envolve-se nos negocios da Thessalia onde então lavrava a *guerra sagrada*, e transforma insensivelmente este paiz n'uma provincia macedonica.

Avança, em seguida, para as Thermopylas; mas ahi os Athenienses, cuja vigilancia era despertada pela eloquencia do grande Demosthenes, oppõem-se-lhe á passagem, desconcertando-lhe os projectos, e Philippe tem, prudentemente, o cuidado de retirar-se (352).

Demosthenes redobra de energia, solta do alto da tribuna grega as suas vigorosas *Philippicas*, e durante quinze annos lucha com toda a força do seu genio e com toda a sua penetração contra os designios do seu temivel adversario.

Mas se a palavra do maior dos oradores impunha respeito á astucia do monarcha ambicioso, não teve força para conjurar a catastrophe. {60} Em 348, Philippe vibrou o seu grande golpe, tomando Olyntho, a poderosa metropole das cidades

gregas da Chalcidica, que Athenas protegia e que Demosthenes tinha querido salvar.

Athenas, ameaçada na Eubéa e até mesmo na Attica, teve de assignar um tratado de paz. Mas Philippe, deixando de cumprir as clausulas juradas, ataca as Thermopylas, termina a guerra sagrada que lavrava entre os Phocidios e os Thebanos, subjuga os primeiros arrasando-lhes as cidades, e toma assento no conselho amphictyónico onde se arroga os dois votos que os Phocidios alli possuíam (346).

Eis, pois, Philippe, arbitro da Grecia, pela posse da Thessalia, das Thermopylas, e da influencia no conselho amphictyonico. Sabendo esperar, não

quiz precipitar-se na conquista definitiva, afim de evitar qualquer reacção geral perigosa. Dirigiu-se para a Thracia, onde o atheniense Phocion, aliás seu partidario, o impediu de se apoderar das colonias gregas do Hellesponto; chegou até ao Danubio e ahi assentou os limites septentrionaes do seu reino; levou a guerra á Illyria, ao Epiro, ao Chersoneso, sitiou Perintho e Byzancio, que Phocion defendeu efficazmente. Os Athenienses apoderam-se da Eubéa,

emquanto Demosthenes organizava ligas das diversas cidades, sublevando-as contra o inimigo commum.

Mas o orador atheniense Eschines, rival de Demosthenes, subornado pelo oiro

de Philippe, consegue no conselho amphictyonico a investidura do rei da Macedonia no commando e direcção de uma nova guerra sagrada contra os Locrios. Philippe volta immediatamente á Grecia (338), esquece o pretexto da sua intervenção, apodera-se de Elatéa e dos desfiladeiros que conduzião á Beocia, e chega quasi ás portas de Athenas.

Demosthenes realiza então um supremo esforço, e obtém, á força de

eloquencia, a alliança de Thebas. As duas cidades apresentam-se unidas no ultimo campo de batalha da liberdade e da independencia grega. Esparta conservou-se isolada no seu perpetuo egoismo. Incontraram-se os exercitos junto a Cheronéa, na Beocia. Os hoplitas athenienses, o batalhão sagrado dos Thebanos, despedaçaram-se contra a *phalange macedonica*. Demosthenes tomou parte na acção. A victoria de Philippe foi decisiva e completa.

O vencedor foi de uma desusada e honrosa moderação; reuniu uma assembléa geral dos povos em Corintho, e, para legitimar até certo

ponto o seu dominio sobre a Grecia, renovou o projecto de uma grande expedição nacional contra os{61} Persas, e fez-se nomear generalissimo de todas as forças gregas. Quando estava a ponto de realizar os seus vastos designios, um dos seus guardas assassinou-o, crê-se que por suggestões da rainha repudiada, *Olympias*.

Alexandre Magno. —Philippe legava a seu filho, Alexandre, mancebo de vinte annos apenas, elementos preciosos para este levar a cabo a impresa por elle concebida. Deixava-lhe um exercito numeroso e aguerrido, generaes habéis e thesouros accumulados para aquelle fim.

Demosthenes conseguiu sublevar de novo as cidades á noticia da morte de Philippe. Alexandre, que tinha acabado de submeter as tribus illyricas, atravessou a Macedonia, a Thessalia, e chegando em frente de Thebas atacou a

cidade e tomou-a, arrasando-lhe em seguida os muros. Os Gregos, aterrados, declaram-n'o, em Corintho, generalissimo e dão-lhe soccorros para a invasão da Asia. Não o acompanharemos na sua marcha triumphal, que determinou a destruição perpetua do Imperio dos Persas. A morte surpreendeu-o em

Babylonia (328) no meio dos seus ambiciosos sonhos de grandeza e de monarchia universal. Este homem assombroso, que ao expirar contava apenas 33

annos incompletos, entregou, no leito da morte, o seu annel a Perdicas. E

quando os seus generaes lhe perguntaram a quem deixava a corôa, respondeu:—

Ao mais digno.

CAPITULO XIII

DESMEMBRAMENTO DO IMPERIO DE ALEXANDRE

Alexandre deixava:—sua mulher, Roxana, de quem houve um filho póstumo,

Alexandre; um outro filho, bastardo, Hercules; um irmão imbecil, Arrhideu; duas irmãs, Cleopatra e Thessalonice; e sua mãe, Olympias. A herança começou por ser attribuida ao filho posthumo do heroe e a Arrhideu, ficando Perdiccas com uma auctoridade semelhante á de ministro supremo. Os diversos governos foram repartidos pelos generaes: *Ptolomeu*, teve O Egypto; *Leonnato*, a Mysia; *Antigono*, a Phrygia, a Lycia e a Pamphylia; *Lysimaco*, a Thracia; *Antipater* e *Cratero*, a Macedonia; *Eumenes*, a Cappadocia; *Laomédon*, a Syria; *Pithon*, a Média; *Peucestes*, a Persida.{62}

Pithon teve de suffocar em sangue uma revolta de 23:000 Gregos na Alta-Asia; e, na Asia-Menor, Eumenes encontrou inesperada resistencia ao tomar posse do seu governo da Cappadocia. Antigono recusou-se a auxiliá-lo, tendo Perdiccas de lhe prestar apoio com o exercito real. Antigono é obrigado a fugir e acolhe-se á côrte de Antipater e Cratero. Eumenes tem de fazer frente a todos tres, ao passo que Perdiccas avança para o Egypto contra Ptolomeu, mas é morto pelos seus proprios soldados, nas margens do Nilo. Então Antipater apodera-se

da regencia e proscree Eumenes, cujos Estados são dados a Antigono (321).

Mas Antipater morre logo depois (320) deixando a regencia a Polysperchon.

Eumenes liga-se na Alta-Asia com os satrapas armados contra Seleuco de Babylonia, onde Antigono o persegue (317), conseguindo havê-lo ás mãos e mandando-o matar (316).

Ao mesmo tempo que os generaes se dizimavam entre si, a familia real ia-se

aniquilando a si propria. Olympias, ligando-se com Polysperchon, fez morrer Arrhideu e sua mulher Eurydice; Roxana mandou matar

Statira ou Barsina, filha

de Dario, e uma das mulheres de Alexandre. Cassandro, filho de Antipater e rival de Polysperchon, cercou Olympias em Pydna, e, havendo-a às mãos,

matou-a (315). Havendo-se já apossado de Itoxana e do filho d'esta, casou com Thessalonice, irman do conquistador, e estabeleceu assim as suas preterições á herança. Quasi toda a Grecia, incluindo a Thessalia e a Macedonia, lhe obedeciam; Athenas cahiu sob o poder de Demetrio de Phalera, que a

administrou sábiamente durante dez annos.

Pela morte de Eumenes, ficou a Asia a Antigono. Seleuco, governador de Babylonia, cedeu-lh'a sem combate e refugiou-se na côrte de Ptolomeu, no Egypto, a quem excitou á guerra. Ao mesmo tempo, Lysimaco na Asia-Menor e

Cassandro na Europa avançam contra Antigono, que pretendia reunir todo o imperio de Alexandre. Demetrio, filho de Antigono, foi derrotado por Ptolomeu, em Gaza (312); e a paz foi estipulada em 311.

A agonia da Grecia durou mais de um seculo. Em 280 houve uma terrivel invasão de Barbaros. Os Gaulezes, seguindo o valle do Danubio, devastaram a Macedonia e a Thracia. Foram expulsos em 278.{63}

CAPITULO XIV

REDUCÇÃO DA GRECIA A PROVINCIA ROMANA

Em 251, Arato, banido de Sicyonia, refugiado em Argos, livrou a sua cidade

natal do tyranno que a opprimia, organizou em Sycionia uma democracia temperada, e incorporou-a na liga achaica. Esta, que

fôra até ahi obscura, só teve importancia quando Arato lhe communicou o impulso necessario para destruir a

hegemonia macedonica e as tyrannias que pezavam sobre as cidades do

Peloponeso.

Arato aggregou á liga achaica Megalopolis, Mantinéa, Argos, Trezena e outras

cidades; combateu os Etolios; e arrancou aos Macedonios Corintho, Athenas, Megara, Salamina. Em 229, a confederação contava como aliados o maior numero dos Estados do Peloponeso, a Megarida, Salamina, e a Attica. Esparta e

a Laconia mantinham-se fóra da liga. A Beocia, a Locrida, e a Thessalia, soffriam ainda o jugo dos Macedonios. A Etolia era então aliada dos Acheus.

Foi n'este mesmo anno 229 que os Romanos puzéram o pé na Illyria. Eil-os,

pois, a caminho da Grecia. Já lhes estavam submettidas as ricas cidades gregas da Italia Meridional (Grande Grecia), seguiram-se a estas as da Sicilia, e dentro em breve a grande Syracuse reconhecia o seu dominio.

Os grandes planos de Arato foram, porém, contrariados pelos Espartanos.

Então Arato teve de chamar os inimigos da Grecia em seu auxilio. Antigono Doson, rei da Macedonia, entrou em Esparta, e a cidade de Lycurgo cahiu para sempre.

Pela morte de Arato (213), Philopoemen, de Megalopolis, reorganizou a liga e

combateu a influencia romana. Mas a liga etolia declarou-se a favor dos Romanos; e, em 197, os Gregos foram vencidos nas planicies de Cynocephalos.

Pouco depois, o consul Flaminio proclamou, em nome do povo romano, a

independencia local de todos os Estados Gregos, começando assim a acostumál-os ao protectorado romano. Em 189 foi destruida por estes conquistadores a liga dos Etolios. Em 183 os, Romanos apoderaram-se de Philopœmen, e

condemnaram-n'o á morte pela cicuta. Em 168 Paulo Emilio alcançou a victoria

de Pydna, que destruiu o poder da Macedonia. E finalmente em 146 a Grecia foi

reduzida a provincia romana, com o nome de *Provincia da Achaia*.

FIM

{64}

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. Gomes da Silva

Obra illustrada a cores

POR

MANUEL

DE

MACEDO

E

ROQUE

GAMEIRO

Sob o titulo **Os Mystérios da Inquisição** condensam-se variadissimos factos historicos, desentranham-se os horrores d'epochas passadas, escarpellam-se

figuras d'outros seculos, investigam-se particularidades estupendas, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade, e põem-se em relêvo todas as personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos

do mais exaltado amor.

O romance **Os Mystérios da Inquisição** constará de 3 volumes de grande formato. A distribuição será feita semanalmente, em fasciculos de 3 folhas ou 24

paginas com uma gravura a côres, pelo preço de 60 réis, ou em tomos de 15

folhas ou 120 paginas com 5 gravuras, por 300 réis.

Para as provincias a distribuição é feita em tomos, de 300 réis ou em fasciculos quinzenais de 48 paginas e 2 gravuras por 120 réis.

Precioso brinde a todos os Srs. assignantes

Uma magnifica estampa a cores, medindo 0,57x0.44

***END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK HISTORIA DA
GRECIA***

***** This file should be named 32174-h.txt or 32174-h.zip *****

This and all associated files of various formats will be found in:

<http://www.gutenberg.org/3/2/1/7/32174>

Updated editions will replace the previous one--the old editions will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no one owns a

United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy

and distribute it in the United States without permission and without paying

copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark.

Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you do not charge

anything for copies of this eBook, complying with the rules is very easy. You

may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. They may be modified and printed and

given away--you may do practically ANYTHING with public domain eBooks.

Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

*** START: FULL LICENSE ***

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase "Project Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

<http://www.gutenberg.org/license>).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.org),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS,' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at
<http://www.gutenberg.org/fundraising/pglaf>.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at <http://www.gutenberg.org/about/contact>

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations

(\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit <http://www.gutenberg.org/fundraising/pglaf>

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including checks, online payments and credit card donations.

To donate, please visit: <http://www.gutenberg.org/fundraising/donate>

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Each eBook is in a subdirectory of the same number as the eBook's eBook number, often in several formats including plain vanilla ASCII, compressed (zipped), HTML and others.

Corrected EDITIONS of our eBooks replace the old file and take over

the old filename and etext number. The replaced older file is renamed.

VERSIONS based on separate sources are treated as new eBooks receiving

new filenames and etext numbers.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

<http://www.gutenberg.org>

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.

EBooks posted prior to November 2003, with eBook numbers BELOW #10000,

are filed in directories based on their release date. If you want to download any of these eBooks directly, rather than using the regular search system you may utilize the following addresses and just download by the etext year.

<http://www.gutenberg.org/dirs/etext06/>

(Or /etext 05, 04, 03, 02, 01, 00, 99, 98, 97, 96, 95, 94, 93, 92, 91 or 90)

EBooks posted since November 2003, with etext numbers OVER #10000, are

filed in a different way. The year of a release date is no longer part of the directory path. The path is based on the etext number (which is

identical to the filename). The path to the file is made up of single digits corresponding to all but the last digit in the filename. For example an eBook of filename 10234 would be found at:

<http://www.gutenberg.org/dirs/1/0/2/3/10234>

or filename 24689 would be found at:

<http://www.gutenberg.org/dirs/2/4/6/8/24689>

An alternative method of locating eBooks:

<http://www.gutenberg.org/dirs/GUTINDEX.ALL>

*** END: FULL LICENSE ***

Document Outline

- [INDICE](#)
- [HISTORIA DA GRECIA](#)
 - [NOÇÕES GEOGRAPHICAS](#)
 - [NOÇÕES MYTHOLOGICAS](#)
 - [CAPITULO I](#)
 - [TEMPOS LEGENDARIOS OU PRIMITIVOS TEMPOS HEROICOS E MYTHICOS DOS HELLENOS](#)
 - [CAPITULO II](#)
 - [TEMPOS HISTORICOS](#)
 - [CAPITULO III](#)
 - [ESPARTA. LEGISLAÇÃO DE LYCURGO. GUERRAS DE MESSENIA](#)
 - [CAPITULO IV](#)
 - [ATHENAS. LEGISLAÇÃO DE SOLON. OS PISISTRATIDAS. A DEMOCRACIA ATHENIENSE](#)
 - [CAPITULO V](#)
 - [AS GUERRAS MEDICAS](#)
 - [CAPITULO VI](#)
 - [HEGEMONIA DE ATHENAS](#)
 - [CAPITULO VII](#)
 - [O SECULO DE PERICLES](#)
 - [CAPITULO VIII](#)
 - [GUERRA DO PELOPONESO](#)
 - [CAPITULO IX](#)
 - [TYRANNIA DOS TRINTA EM ATHENAS. RESTABELECIMENTO DA DEMOCRACIA](#)
 - [CAPITULO X](#)
 - [HEGEMONIA DE ESPARTA](#)
 - [CAPITULO XI](#)
 - [DECADENCIA DE ESPARTA. HEGEMONIA DE THEBAS](#)
 - [CAPITULO XII](#)
 - [SUPREMACIA DA MACEDONIA](#)

- CAPITULO XIII
 - DESMEMBRAMENTO DO IMPERIO DE ALEXANDRE
- CAPITULO XIV
 - REDUCÇÃO DA GRECIA A PROVINCIA ROMANA